

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

WEMERSON SIMÕES

**VIOLÊNCIA VERBAL, INTERTEXTUALIDADE E
REFERENCIAÇÃO EM COMENTÁRIOS DO *INSTAGRAM***

**VITÓRIA
2020**

WEMERSON SIMÕES

**VIOLÊNCIA VERBAL, INTERTEXTUALIDADE E
REFERENCIAÇÃO EM COMENTÁRIOS DO *INSTAGRAM***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, na área de concentração Estudos sobre Texto Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Júnior.
Coorientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Tinoco Cabral.

**VITÓRIA
2020**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S593v Simões, Wemerson, 1987-
Violência verbal, intertextualidade e referenciação em comentários do Instagram / Wemerson Simões. - 2020.
119 f. : il.

Orientador: Rivaldo Capistrano de Souza Júnior.
Coorientadora: Ana Lúcia Tinoco Cabral.
Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Comentários do Instagram. 2. Violência verbal. 3. Referenciação. 4. Intertextualidade. I. Capistrano de Souza Júnior, Rivaldo. II. Tinoco Cabral, Ana Lúcia. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 80

WEMERSON SIMÕES

VIOLÊNCIA VERBAL, INTERTEXTUALIDADE E REFERENCIAÇÃO EM COMENTÁRIOS DO INSTAGRAM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, na área de concentração Estudos sobre Texto Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Júnior.
Coorientadora: Prof. Dra. Ana Lúcia Tinoco Cabral.

Aprovada em 20 de agosto de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Júnior
Orientador e Presidente da Comissão – UFES

Profa. Dra. Ana Lúcia Tinoco Cabral
Coorientadora – PPGEL - PROFLETRAS – USP

Profa. Dra. Maria da Penha Pereira Lins
Examinadora interna – UFES

Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira Andrade
Examinadora Externa – FFLCH/USP

Profa. Dra. Janayna Bertollo Cozer Casotti
Examinadora Interna – UFES (Suplente)

Profa. Dra. Andréa Pisan Soares Aguiar
Examinadora Externa – PUC – SP (Suplente)

VITÓRIA
2020

Agradecimentos

À professora Dra. Ana Paula Klauck, quem tanto apoiou e ajudou a estudar memes.

À Flaviane, pelo incentivo, pelo apoio, pela paciência, pela sensatez, pelo carinho, pela calma, pela ajuda, pela Emilly e pelo amor.

Aos orientadores, professor Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Júnior e professora Dra. Ana Lúcia Tinoco Cabral: vocês foram de extrema importância para o andamento e para a conclusão dessa pesquisa.

Às professoras que participaram da qualificação e da defesa, a Dra. Maria Penha Lins e Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade: suas contribuições foram de grande relevância para a conclusão do trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal do Espírito Santo, pelos conhecimentos e diálogos durante as aulas.

Aos colegas que fiz durante a balbúrdia do mestrado. Fiquei muito feliz em conhecer pessoas com quem conversar e se divertir nos muitos momentos livres e disponíveis da Pós-graduação.

Aos colegas da EMEF Ignez Massad Cola, em especial à Andréa, ao Darcy e à Kamilla (#elenão).

Aos amigos da Escola Família Agrícola de Olivânia, que estão guardados em meu coração.

Aos primos Dr. Leonardo Rauta e Dr. Marcelo Rauta, sempre incentivando para iniciar essa vida acadêmica.

Aos colegas Aline, Ana Clara e Bruno, pelas leituras e observações na reta final desse trabalho.

A todos que, de alguma forma, ajudaram-me a chegar na reta final.

“O riso é a mais útil forma de crítica, porque é a mais acessível à multidão. O riso dirige-se não ao letrado ou ao filósofo, mas à massa, ao imenso público anónimo.” (Eça de Queiroz)

RESUMO

Este estudo busca investigar, numa perspectiva sociocognitiva e interacional, comentários construídos em postagens da rede social *Instagram*, a fim de verificar as funções da intertextualidade e da referenciação para a instauração e manutenção da violência verbal enquanto estratégia argumentativa. O *corpus* da pesquisa é composto por vinte comentários, retirados de quatro postagens do coletivo Mídia NINJA. Como aporte teórico, a pesquisa fundamenta-se, principalmente, em Arendt (2006) e Charaudeau (2011), para pleitear questões relativas ao domínio discurso político; em Shifman (2014), Chagas (2016, 2017, 2018) e Lima (2019), para questões que dizem respeito ao gênero discursivo meme; em Recuero (2005), Marcuschi (2008), Barton e Lee (2015) e Barros (2016), para tratar de assuntos relativos às redes sociais e aos comentários que nelas se constroem; em Marcuschi (2001, 2008), Koch (2003, 2005, 2008), Mondada e Dubois (2003); Conte, (2003), Francis (2003), Cavalcante (2012), Koch e Elias (2012, 2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Cavalcante e Brito (2016), para discutir noções de texto, contexto e categorias referenciais; em Carvalho (2018), para as noções de intertextualidades estritas e amplas; e em Amossy (2017), Cabral e Lima (2017) e Cabral (2019), para questões textuais e discursivas acerca da violência verbal. Os resultados demonstram que a violência verbal é instaurada ou mantida por meio de categorias referenciais acionadas por pistas e relações intertextuais entre as postagens e questões contextuais. Também é possível verificar que a violência verbal é utilizada de forma estratégica, servindo para marcar posicionamentos no contexto interacional.

Palavras-chaves: Violência verbal. Intertextualidade. Referenciação. Comentários do *Instagram*.

ABSTRACT

This study seeks to investigate, in a sociocognitive and interactional perspective, comments constructed in posts from the social network Instagram, in order to verify the functions of intertextuality and referencing for the establishment and maintenance of verbal violence as an argumentative strategy. The corpus of the research is composed of twenty comments, taken from four posts from the collective Mídia NINJA. As a theoretical contribution, the research is based mainly in Arendt (2006) and Charaudeau (2011), to plead questions related to political speeches; in Shifman (2014), Chagas (2016, 2017, 2018) and Lima (2019) for questions about a meme discursive genre; in Recuero (2005), Marcuschi (2008), Barton and Lee (2015) and Barros (2016), to treat relative matters to social networks and the comments that are built on them; in Marcuschi (2001, 2008), Koch (2003, 2005, 2008), Mondada and Dubois (2003); Conte, (2003), Francis (2003), Cavalcante (2012), Koch and Elias (2012, 2013), Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014), Cavalcante and Brito (2016), to consolidate notions of text, context and referential categories; in Carvalho (2018), for the notions of strict and broad intertextuality; and in Amossy (2017), Cabral and Lima (2017) and Cabral (2019), for textual and discursive issues of verbal violence. The results showed that verbal violence is established or maintained through referential categories triggered by clues between between posts and contextual questions. It was also possible to verify that verbal violence is used strategically, serving to mark positions in the interactional context in which it was invoked.

Keywords: Verbal violence. Intertextuality. Referencing. Instagram comments.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Intertextualidades estritas e amplas	58
Tabela 2: 50 tons de laranja	77
Tabela 3: Big Bozo Brasil	91
Tabela 4: O espremedor de laranjas	104
Tabela 5: Partido Suco de Laranja	115

Lista de Figuras

Figura 1: Ronaldo Fenômeno.....	25
Figura 2: A culpa não é minha.....	26
Figura 3: Caixa de comentários do <i>instagram</i>	32
Figura 4: Jair Bolsonaro e Alexandre Frota.....	42
Figura 5: Big Bozo Brasil.....	48
Figura 6: Palhaço Bozo.....	49
Figura 7: Big Brother Brasil.....	51
Figura 8: Fanta Laranja.....	52
Figura 9: Patominios.....	54
Figura 10: Cocaína na Espanha.....	59
Figura 11: Seriado Narcos.....	60
Figura 12: 50 tons de laranja.....	65
Figura 13: Família Bolsonaro.....	66
Figura 14: Comentário 1.....	68
Figura 15: Comentário 2.....	70
Figura 16: Comentário 3.....	72
Figura 17: Digite 432%.....	73
Figura 18: Comentário 4.....	75
Figura 19: Big Bozo Brasil.....	78
Figura 20: Big Brother Brasil.....	79
Figura 21: Comentário 5.....	81
Figura 22: Comentário 6.....	83
Figura 23: Comentário 7.....	85
Figura 24: Comentário 8.....	87
Figura 25: Comentário 9.....	89
Figura 26: O espremedor de laranjas.....	92
Figura 27: Comentário 10.....	94
Figura 28: Capitão Talkei.....	95
Figura 29: Comentário 11.....	96
Figura 30: Comentário 12.....	99
Figura 31: Comentário 13.....	100
Figura 32: Comentário 14.....	102
Figura 33: Partido Suco de Laranja.....	105
Figura 34: Partido Social Liberal.....	106
Figura 35: Comentário 15.....	107
Figura 36: Comentário 16.....	110
Figura 37: Comentário 17.....	111
Figura 38: Comentário 18.....	113

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2 INSTAGRAM, POLÍTICA E MEMES: A VIOLÊNCIA VERBAL	15
2.1 O discurso político.....	15
2.2 O gênero discursivo <i>meme</i>	20
2.3 <i>Instagram</i> , Mídia NINJA e comentários.....	27
2.3.1 Mídia NINJA no <i>Instagram</i>	27
2.3.2 As postagens reativas de redes sociais	30
2.4 Violência verbal como recurso argumentativo.....	34
3 TEXTO, REFERENCIAÇÃO E INTERTEXTUALIDADE	41
3.1 Texto e contexto.....	41
3.2 Referenciação: a (re)construção de objetos de discurso	44
3.2.1 Anáforas direta e indireta	46
3.2.2 Anáfora encapsuladora e rotulação	53
3.3 Intertextualidades ampla e estrita.....	57
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, ANÁLISE DO CORPUS E	
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	62
4.1 Seleção do <i>corpus</i>	62
4.2 Postagens e seus comentários	65
4.2.1 50 tons de laranja.....	65
4.2.2 O Big Bozo Brasil	77
4.2.3 O espremedor de laranjas	91
4.2.4 Partido Suco de Laranja	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	119

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta dissertação insere-se na linha de pesquisa de Estudos sobre Texto e Discurso, do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Espírito Santo. A pesquisa busca investigar, em uma perspectiva sociocognitiva e interacional, comentários construídos em postagens motivadoras¹ da rede social *Instagram*, a fim de verificar as funções da intertextualidade e da referenciação para a instauração e manutenção da violência verbal enquanto estratégia argumentativa.

Essa proposta de pesquisa surge, pois, na atualidade, nossos momentos de relações pessoais e diálogos em grupo têm passado por constantes alterações, sendo elas, muitas vezes, originadas pelos avanços tecnológicos. Dentro dessa realidade, surgiram as redes sociais, novos locais de interação, com novas possibilidades de comunicação (CABRAL e LIMA, 2017).

Além disso, segundo as autoras acima, esses novos ambientes possibilitam a seus usuários se tornarem atores sociais multifacetados, criando, muitas vezes, uma despreocupação em se manter uma imagem. Essa característica do mundo digital, atrelada a outras possibilidades de relações textuais e discursivas e interacionais pode, em alguns momentos, tornar o ambiente digital propício para a frequência constante da violência verbal.

Ademais, de acordo com Amossy (2017), a presença da violência verbal nesse ambiente digital não está unicamente ligada às questões interacionais oferecidas pelo âmbito *online*, mas também a fatores externos que nele podem ser reproduzidos. Dessa forma, questões conflituosas que já têm discussões inflamadas em diversas esferas

¹ A partir de Capistrano Júnior e Elias (2018), consideraremos um *post* inicial como postagem motivadora, assim como os comentários que se desdobram, a partir dele, de postagens reativas. Escolhemos essas concepções pois “a postagem motivadora e comentários não devem ser analisados como textos isolados, mesmo que sejam produzidos por sujeitos sociais distintos e tenham seus próprios espaços. Isso porque são complexos conglomerados de texto cujo fluxo emergem referentes em conformidade com o tópico discursivo instituído no *post* motivador.” (CAPISTRANO JÚNIOR e ELIAS, 2018, p. 154)

sociais, como a política e a religião, por exemplo, encontram nas redes sociais apenas mais um lugar.

No que diz respeito à nossa pesquisa, é a presença constante da violência verbal em interações de redes sociais que nos chama a atenção, uma vez que, de acordo com Cabral e Lima (2017), Amossy, (2017) e Cabral (2019), em determinados contextos discursivos, a mesma pode ser utilizada como uma estratégia argumentativa.

Dessa forma, entendendo o meme como uma forma de manifestar, por meio do humor, posicionamentos políticos (CHAGAS *et. al* 2014; CHAGAS, 2016, 2017, 2018; LIMA, 2019) e compreendendo, a partir de Amossy (2017), que temáticas pertencentes a essa esfera são tendenciosas a debates virulentos, nossa pesquisa parte da hipótese de que discursos meméticos em redes sociais funcionam como gatilhos para a instauração e manutenção da violência verbal em postagens reativas.

A partir de todos esses apontamentos, pensando em interação de redes sociais, acreditamos que fenômenos textuais, em especial a intertextualidade e a referenciação, podem ser utilizados de formas estratégicas para a utilização da violência verbal como um recurso argumentativo. Por conseguinte, as questões norteadoras de nossa pesquisa são:

- a) Que função processos referenciais e marcas intertextuais desempenham na instauração e na manutenção da violência verbal em interações da rede social Instagram?
- b) De que maneira, no contexto digital, a violência verbal é utilizada como uma estratégia argumentativa?

Com o intuito de responder a essas questões, nossa dissertação tem como objetivo geral analisar as interações em postagens de usuários do *Instagram*, a fim de verificar a função da referenciação e da intertextualidade na instauração e na manutenção da

violência verbal. Para que possamos alcançar a esse propósito, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: 1) evidenciar marcas intertextuais na postagem motivadora e nas postagens reativas; 2) identificar os processos referenciais presentes nos comentários selecionados; 3) verificar como questões interacionais permitem a utilização da violência como recurso argumentativo.

Nos respaldamos, para a construção teórica de nossa pesquisa, principalmente, em Arendt (2006) e Charaudeau (2011), para pleitear questões relativas aos discursos políticos; em Shifman (2014), Chagas (2016, 2017, 2018) e Lima (2019), para questões que dizem respeito ao gênero discursivo meme; em Recuero (2005), Marcuschi (2008), Barton e Lee (2015) e Barros (2016), para tratarmos de assuntos relativos às redes sociais e aos comentários nelas construídos; em Marcuschi (2001, 2008), Koch (2003, 2005, 2008), Mondada e Dubois (2003); Conte, (2003), Francis (2003), Cavalcante (2012), Koch e Elias (2012, 2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Cavalcante e Brito (2016), para discutir noções de texto, de contexto e de categorias referenciais; em Carvalho (2018), para as noções de intertextualidade estrita e intertextualidade ampla e em Amossy (2017), Cabral e Lima (2017) e Cabral (2019), para as noções textuais e discursivas que dizem respeito à violência verbal.

O *corpus* de nossa pesquisa é constituído por comentários retirados de quatro postagens motivadoras do coletivo Mídia NINJA, em uma de suas páginas na rede social *Instagram*². Essas postagens ocorreram nos meses de janeiro e de fevereiro de 2019, tendo em comum críticas ao possível envolvimento de integrantes da família Bolsonaro em casos de corrupção. A partir dessas postagens, foram analisados aspectos textuais e discursivos dos cinco primeiros comentários que utilizaram a violência verbal para defender pontos de vista.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos, além destas Considerações iniciais, das Considerações finais e das Referências. No primeiro capítulo, tecemos

² <https://www.instagram.com/midianinja/>

considerações sobre o discurso político e seu papel em espaços públicos; em sequência, abordamos questões relativas ao gênero discursivo meme; por último, tratamos de redes sociais, em especial a do *Instagram*, do coletivo Mídia NINJA e do gênero comentário.

No segundo capítulo, discorreremos sobre algumas categorias pertencentes à LT, de perspectiva sociocognitiva e interacional. Apresentamos os conceitos de texto e contexto que embasam esta pesquisa. Em sequência, tratamos da referência e da intertextualidade.

Por fim, no terceiro capítulo, em um primeiro momento, explicamos procedimentos metodológicos e categorias de análise; em sequência, por meio dos aportes teóricos levantados no decorrer do trabalho, procedemos à análise de vinte comentários, presentes em quatro postagens motivadoras, bem como à discussão dos resultados.

2 INSTAGRAM, POLÍTICA E MEMES: A VIOLÊNCIA VERBAL

Este capítulo é organizado em quatro seções: a) o discurso político, uma vez que as postagens motivadoras e, conseqüentemente, as reativas constroem seus enunciados por meio de relações a esse domínio discursivo; b) o gênero discursivo meme, que engatilha as postagens reativas nas quais a violência verbal é construída; c) a rede social *Instagram*, o coletivo Mídia NINJA e o gênero comentário; d) a violência verbal.

2.1 O discurso político

O mundo digital é um novo lugar que, além de possibilitar o estudo e a diversão, também oferece espaços para debates e discussões sobre os mais variados assuntos. Esse novo espaço de comunicação permite uma troca de diálogos entre os envolvidos, sem a necessidade de se encontrarem fisicamente; entretanto, essa facilidade em se comunicar sem uma interação face a face faz com que a presença da cortesia, nesses momentos, não seja um fator tão constante, como normalmente acontece.

Segundo Cabral e Lima (2017), nas redes sociais, as relações pessoais podem constituir lugares facilitadores para a violência verbal, uma vez que a *Web*, agora, é um ambiente para o encontro de diálogos cotidianos, aquilo que outrora ocorria em outros locais. Além disso, essa nova maneira de se comunicar, além de poder acontecer por meio de computadores e *notebooks*, tem *smartphones*. Eles são novos aparelhos multifuncionais que possibilitam a um maior número de pessoas tornarem-se integrantes e participantes do ambiente virtual, permitindo, muitas vezes, uma troca opiniões com marcas emotivas.

Todavia, o que nos chamou a atenção, não foi a possibilidade de se discutir assuntos políticos, uma vez que isso transpassa séculos, mas sim a incessante presença da violência verbal em postagens sobre esse assunto nas redes. Assim, desde o período eleitoral de 2014, em temáticas relacionadas à política, foi possível perceber a violência verbal utilizada como recurso para atacar o outro, ficando isso ainda mais evidente,

durante as eleições de 2018. Acreditamos que o aumento dessas marcas discursivas aconteceu, pois, “há muito tempo as redes de comunicação agitam o discurso político” (SARGENTINNI, 2015, p. 2018). Visto que o *corpus* de nosso estudo é construído por meio de comentários oriundos de postagens de um tema relacionado à política, é relevante realizar alguns apontamentos sobre tal domínio discursivo.

Charaudeau (2011) define o discurso político como um jogo de máscaras. Nessa ideia, devemos entender que nem sempre o dizer tem de ser compreendido, ingenuamente, como verdade absoluta. Ou seja, uma palavra utilizada nesse tipo de discurso deve ser tomada e interpretada como um recurso estratégico e, por esse motivo, necessita de vários quesitos para seu real entendimento.

De início, entendemos a política como um elemento característico da vida em sociedade, uma vez que seus aspectos são objeto de diferentes campos, como a sociologia, a ciência política, a filosofia, a antropologia e a linguística. Em cada uma dessas disciplinas, a política recebe uma forma de tratamento específica, condizente com suas particularidades. Entretanto, essas disciplinas têm em comum a centralidade da questão do poder e suas relações com o âmbito da vida pública.

Para Arendt (2006), a ideia de política é oriunda da *pólis* grega, partindo para o resto do mundo. Essa noção nos permite entender que a figuração atual é resultado de um acúmulo de experiências processadas no decorrer dos séculos. Segundo a autora, “a política baseia-se na pluralidade dos homens”, servindo, assim, para “organizar e regular o convívio de diferentes [sujeitos]” (ARENDR, 2006, p. 08). A partir dessas noções, torna-se possível perceber uma proposta para concepção de política como uma busca por consenso, para um “bem comum”, deixando implícito que os homens, na sua experiência social, compartilham valores e princípios semelhantes.

Tal concepção abre margem para compreender política sob o ponto de vista das instituições com as quais o Estado se ajusta na modernidade. Desse modo, evidenciam-se entidades responsáveis por regular a vida em sociedade (ditar normas,

regular conflitos e punir aqueles que fogem às regras). Porém, ao mesmo tempo, essa noção de política apresenta como limite o escamoteamento das relações conflitivas, indo além das relações políticas, bem como são decorrentes do antagonismo entre as classes sociais.

No âmbito das ciências da linguagem, vertente a qual pertence nossa pesquisa, a abordagem da política está centrada no estudo do discurso político, entendido como forma de organização da linguagem, com efeitos psicológicos e sociais, materializado no interior de determinado campo de práticas (CHARAUDEAU, 2011). Assim, indivíduos que têm seu objeto de estudo pertencente a esse domínio, devem estar atentos à intencionalidade de um discurso político, assim como à situação comunicativa na qual ele se constrói.

No que se refere aos suportes por meio dos quais esses discursos são veiculados, não podemos desconsiderar os avanços relacionados às novas tecnologias, em especial àquelas do mundo digital. Essas novas formas de comunicação ampliam as situações discursivas, bem como podem facilitar seus partilhamentos.

Nesse novo contexto comunicativo oferecido pela realidade digital, Charaudeau (2011) assevera que qualquer enunciado, por mais inocente, pode ser instituído com um sentido político, uma vez que o momento comunicativo o autorize a isso; da mesma forma, um enunciado pertencente a uma realidade política pode, de acordo com seu uso, servir apenas de pretexto para dizer algo não necessariamente político. Logo, não é “o discurso que é político, mas a situação de comunicação que assim o torna. Não é o conteúdo do discurso que assim o faz, mas é a situação [de comunicação] que o politiza” (CHARAUDEAU, 2011 p. 39-40).

Charaudeau ainda relata que uma das características de todo discurso social é ele circular no interior dos grupos os quais lhe constituem, para depois se exportar e atravessar outros. Isso remete à fluidez do discurso político, bem como à capacidade

de agência dos atores sociais que deles se apropriam, remodelando-os e lhes conferindo novos sentidos e usos. Por essa razão, o discurso político

está intrinsecamente ligado à organização da vida social como governo e como discussão, para o melhor e para o pior. Ele é, ao mesmo tempo, lugar de engajamento do sujeito, de justificação de seu posicionamento e de influência do outro, cuja encenação varia segundo as circunstâncias de comunicação, o que tornaria mais justo falar dos discursos do conceito político do que do discurso político (CHARAUDEAU,2011, p.42-43).

Pensando no mundo virtual, essas considerações do estudioso possibilitam a diferentes atores sociais (muitos na condição de anonimato ou multifacetados) construir e reconstruir diariamente a política, uma política das redes. Dentro dessa realidade, indivíduos engajam-se em debates, expõem pontos de vista, mobilizam apoiadores, denunciam adversários, tudo em um movimento de conformação presente no novo espaço público que facilita as marcas de polarização.

No Brasil, a cena política contemporânea tem produzido um conjunto de situações que se encaixam nas proposições de Charaudeau. Ou seja, há o surgimento de temas anteriormente controversos e, agora, objetos de debates acalorados em razão de contextos ligados à polarização de ordem política. Como exemplo, poderíamos citar os debates sobre gênero que opõem o movimento feminista e suas bandeiras históricas (igualdade entre homens e mulheres, direitos reprodutivos etc.) a movimentos conservadores de fundo religioso (defensores da “família tradicional”, pró-vida, combatentes daquilo nomeado como “ideologia de gênero” etc.). Contudo, não podemos desconsiderar que os exemplos acima têm discussões mais enfáticas no âmbito da *internet*, pois, esse ambiente facilita a inserção de pontos de vistas, o que não acontece em veículos de comunicação tradicionais, devido ao fato de eles serem organizados sob a forma de grandes conglomerados que defendem, alegoricamente, a teoria de neutralidade.

A partir dessas reflexões, compreendemos que os debates em torno de temas políticos podem ser considerados como “uma guerra simbólica para estabelecer relações de

dominação ou pactos de convenção” (CHARAUDEAU, 2011, p. 46), tendo, como pano de fundo, as disputas em torno de projetos de sociedade. Essa realidade, antes expressa por meio dos tradicionais veículos de comunicação de massa (jornais, revistas, rádio e televisão), hoje se apresenta de forma mais pulverizada, em diferentes plataformas situadas na *internet*, sendo muitas delas representadas por diversas redes sociais.

Em nosso objeto de estudo, todos os apontamentos levantados ocorrem por meio de uma realidade interacional construída no mundo digital. Sobre isso, não podemos desconsiderar “como a imersão nesse mundo repleto de tecnologias provocou mudanças comportamentais nas pessoas e, uma delas é, justamente, a forma de se organizarem em grupos e se perceberem perante o outro.” (CABRAL e LIMA, 2017, p. 87). Assim, a *internet* possibilita a atores sociais irem além de seus habituais papéis de consumidores de conteúdo, como ocorre nos tradicionais meios de comunicação, uma vez que permite aos participantes tornem-se ativos e inclusos.

Essa característica do mundo virtual faz com que conteúdos de natureza política possam emergir sob diferentes gêneros. Contudo, se de um lado essas novas possibilidades comunicacionais abrem a possibilidade de uma maior participação democrática, e até mesmo de maior politização, por outro, facilitam uma difusão de notícias falsas (*fake news*) e outras estratégias utilizadas para as manipulações, assim como, supostamente, ocorreram nas eleições presidenciais de 2018. É dentro desse novo contexto comunicativo que vem se consolidando a violência verbal, utilizada, em alguns momentos, para defender opiniões.

Muitas vezes, em interações digitais, as relações sociais não são polidas. Isso pode acontecer porque, esse tipo de comunicação, nesse espaço, não ocorre face a face, pelos os assuntos discutidos não serem de fácil acordo, ou por questões emocionais virem à flor da pele, não permitindo, muitas vezes, a utilização de argumentos lógicos. Dessa forma, em muitos momentos, surgem debates nos quais os participantes, ao

defenderem suas ideias, buscam uma maneira na qual “a violência verbal constitui uma sofisticada estratégia argumentativa” (CABRAL, 2019, p. 420). Todavia, tratando-se de nosso *corpus*, esses embates ocorrem como respostas a postagens de memes, o que torna relevante considerações sobre esse gênero.

2.2 O gênero discursivo *meme*

De acordo com Lima (2019), levantamentos históricos e científicos acerca de memes nos levam a compreender que sua materialização funciona como uma verbalização de pensamentos, possibilitando a transmissão de uma mensagem num momento interacional. Além disso, segundo a autora, memes têm como propósito social suscitar o humor, e o fato de eles serem construídos e compartilhados em uma realidade digital não oferece uma linearidade na sua materialização.

Ainda assim, mesmo que os memes incorporados à nossa pesquisa sejam oriundos do mundo tecnológico, sua primeira definição antecede a esse período, surgindo nos primeiros estudos oriundos de Richard Dawkins (2007). O biólogo propõe, a partir de uma teoria evolucionista, memes como unidades participativas em disseminações culturais.

Para delinear os memes como algo que era capaz de transmitir marcas culturais, Dawkins constrói sua hipótese a partir de uma analogia aos genes e à capacidade de fazerem cópias de si mesmos durante processos evolutivos, a replicação. Com essa similaridade, é proposto que não somente os genes poderiam se desenvolver desse modo, mas também as manifestações culturais. Há, então, um pressuposto de que “para compreender a evolução do homem moderno, devemos começar por abandonar a ideia do gene como a única base das nossas ideias a respeito da evolução.” (DAWKINS, 2007, p. 328). A partir dessa noção, é apontado várias formas de representações socioculturais como melodias, ideias, slogans e modas de vestuário vão mudando, passando de pessoa para pessoa nos/pelos mais diversos meios sociais, evoluindo e alterando-se por meio de replicações durante o decurso da história.

Shifman (2014) apropria-se de algumas das apreciações de Dawkins, adaptando-as para sua definição aos memes frutos do mundo digital. Nesse novo período, os recursos, consequências da *internet*, possibilitam às representações culturais outros tipos de difusões, intrinsecamente mais fortes no cotidiano dos envolvidos, uma vez que, agora, muitos momentos comunicativos são dependentes de recursos tecnológicos. Além disso, memes não podem mais ser simplesmente compreendidos como unidades de representações culturais como relatou Dawkins, mas

entendidos como partes da *informação cultural que passam de pessoa para pessoa, mas gradualmente transformam-se em um fenômeno social compartilhado*. Embora se espalhem numa base micro, seu impacto está no nível macro: os memes moldam a mentalidade, as formas de comportamento e as ações dos grupos sociais (SHIFMAN, 2014, p. 18, – *grifos da autora*)³.

Ainda assim, é relevante progredir a ideia do compartilhamento, pois o mesmo não é um único traço relevante para memes do mundo digital. Além dele, a participação e o envolvimento coletivo também são traços constituintes, sendo que só acontecem quando um alto número de pessoas, ao se identificar, apropria-se de um determinado meme, fazendo com que ele passe, digitalmente, por processos evolutivos propostos por Dawkins. Todavia, Shifman não apresenta uma numeração precisa de compartilhamentos, mas utiliza o termo *viral* para se referir às postagens de sucesso, porque essa característica faz com que a materialização de uma ideia não fique restrita a um único suporte, muito menos a um único gênero. Esse aspecto oferecido pelo mundo digital é uma das justificativas da não-linearidade de memes, como é afirmado por Lima (2019). Além disso, discursivamente falando, a viralidade ainda pode ser, em alguns momentos, apontada como um elemento persuasivo, uma vez que um alto número de compartilhamentos pode ser compreendido como pressão social, dependendo de seu contexto.

Outra marca relevante para a identificação de memes são suas *remixagens*, um serviço

³ “understood as pieces of *cultural information that pass along from person to person, but gradually scale into a shared social phenomenon*. Although they spread on a micro basis, their impact is on the macro level: memes shape the mindsets, forms of behavior, and actions of social groups.” (SHIFMAN, 2014, p. 18)

de montagem e criação facilitado pela disponibilidade digital. Essa última característica é importante na definição e na delimitação, visto que, de acordo com Shifman (2014), para identificarmos um meme, são necessários os processos evolutivos propostos por Dawkins. Logo, a *remixagem* pode ser considerada como uma representação gráfica da evolução. É por essa razão que, muitas vezes, são encontrados memes compostos por montagens “grotescas”, sem acabamento gráfico e, mesmo assim, viralizados.

Isso acontece, pois a viralização, sozinha, não é um fator caracterizador de um meme e de seu sucesso; entretanto, se ela estiver atrelada a alguma modalidade que demonstra os processos evolutivos através de marcas de montagem e colagem, o gênero pode ficar mais identificável. Logo, se um meme não tem acabamento e foi viralizado, sua relevância social e o gênero discursivo ao qual pertence tornam-se mais perceptíveis.

A edição digital é uma característica facilitadora para o uso de memes no mundo tecnológico, pois possibilita sua produção às pessoas sem habilidades técnicas. Muitas vezes, para essa montagem, são escolhidas modalidades que não têm harmonia entre si, por serem pertencentes a domínios distintos. Isso acontece, porque uma “característica fundamental de muitas fotos meméticas é uma impressionante incongruência entre dois ou mais elementos no quadro.”⁴ (SHIFMAN, 2014, p. 90), sendo que, a partir da utilização dessas modalidades descontextualizadas, na semiose, ocorrem atividades de referenciação e, com isso, reapropriação de sentido ou uma recategorização do objeto do discurso, como é afirmado por Castro (2017), em seus estudos acerca de memes e os processos de referenciação nesse gênero.

Pensando nesses quesitos estruturais acerca de memes, é relevante considerar outros apontamentos de Shifman (2014) e de Chagas (2018). Mesmo em áreas de estudo diferentes, os estudiosos afirmam que a imagem é um traço constituinte do gênero, uma vez que ela tem grande responsabilidade nas construções de sentido. Essa

⁴ “fundamental feature of many memetic photos is a striking incongruity between two or more elements in the frame.” (SHIFMAN, 2014, p. 90).

afirmação parte da ideia de que, em alguns momentos, tal modalidade têm a capacidade de sintetizar um conjunto de referências sobre os mais variados assuntos. Com isso, a utilização de uma imagem, muitas vezes, pode facilitar a compreensão da mensagem depreendida.

Além disso, os estudiosos acima citados também relatam que a intertextualidade é uma categoria integrante de memes. Fazem essa afirmação, pois as modalidades que normalmente constituem o gênero, mesmo incongruentes, relacionam-se de formas criativas, complexas e surpreendentes às outras temáticas. Por esse motivo, memes de sucesso se constroem utilizando referências aos mais variados assuntos, sendo esses elementos que orientam as inferências do leitor, levando-o para uma quebra de expectativa e a produção do humor, em um viés argumentativo.

Em seus estudos, Chagas (2016, 2017, 2018) tem seu *corpus* relacionado a questões políticas e neles há apontamentos de que memes, além de possibilitarem a participação e a construção de opiniões sobre esse universo discursivo, mesmo superficialmente, possibilitam debates políticos para camadas sociais que não participavam deles com tanta frequência. Dessa maneira,

esse tipo de conteúdo se inscreve em um novo gênero midiático e oportuniza uma experiência completamente nova de letramento político [...] distante da política que leva em consideração apenas as ações formais e o processo decisório. Seja pelo humor e *pela discussão pública que canalizam como sua face de maior visibilidade, seja pelo radicalismo e pela agressividade que despertam quando publicados como comentários sociais em meio a um debate online, os memes favorecem a familiarização do indivíduo com a política*" (CHAGAS, 2018, p. 08 – *grifos nossos*).

Além de essas apreciações do autor facilitarem a percepção acerca da relevância de memes e de possíveis debates gerados por suas viralizações, servem como justificativa para duas de nossas escolhas: I) optar por postagens motivadoras construídas por meio de memes, uma vez que defendemos discursos meméticos como gatilhos para comentários virulentos e II) diante de um vasto conjunto de assuntos compartilhados e viralizados em redes sociais, preferir por um relacionado ao tema político, visto que, de

acordo com Amossy (2017), essa temática, quando presente nas redes, é tendenciosa à violência verbal.

Todas essas características tornam o meme um gênero discursivo capaz de abordar um vasto conjunto de informações. Isso, pois, nesse gênero, “imagens são capazes de sintetizar/personificar um conjunto de referências sobre políticos ou o cenário da política, e, de certo modo, recuperam teses sobre o teatro político e a política de opinião” (GOMES *apud* CHAGAS, 2018, p. 07). Contudo, muitas vezes, para que esse conjunto de referências aconteça, as marcas intertextuais não se apropriam de citações da fonte do material utilizado, mas deixam pistas para que o locutor possa alcançar a mensagem proposta por meio de inferências.

De acordo com Shifman (2014), outra característica relevante para a compreensão e para o sucesso de memes é o humor, pois, mesmo não sendo uma marca obrigatória, sua presença faz interferências diretas com o sucesso e com a viralização. Essa afirmação é construída porque, em alguns momentos, é perceptível que o riso funciona como um dos principais recursos argumentativos de memes. Acerca desse assunto, Shifman assevera que

Michele Knobel e Colin Lankshear descobriram que o humor serviu como um dos principais componentes para o sucesso de memes criados entre 2000 e 2005. Em sua análise, eles atribuíram textos humorísticos a uma das duas categorias: "Humor peculiar e situacional" [...]; e "mordaz comentário social".⁵ (SHIFIMAN, 2014, p. 79)

A utilização do humor para ataque a temas políticos e a plasticidade de memes podem ser exemplificados pelo enunciado “*A culpa não é minha, eu votei no Aécio*”, que começou a viralizar em algumas esferas discursivas a partir da segunda metade de 2014. Acreditamos que um dos gatilhos para esse sucesso, além do contexto político da época, foi, entre outros, o compartilhamento de uma foto do famoso jogador de futebol Ronaldo “Fenômeno”. Ele foi fotografado, no dia 15 de março de 2015, na cidade

⁵ Michele Knobel and Colin Lankshear found that humor served as a major component of successful memes created between 2000 and 2005. In their analysis they assigned humorous texts to one of two categories: “quirky and situational humor,” [...]; and “biting social commentary”. (SHIFIMAN, 2014, p. 79)

de São Paulo, durante um protesto contra o então governo Dilma Rousseff. Essa imagem está presente na figura 1.

Figura 1: Ronaldo Fenômeno



Fonte: << <https://bit.ly/2oPqzhU>>>
Acesso em: 15 de abril de 2018.

Na figura 1, Ronaldo aparece vestindo uma camiseta pró-Aécio Neves, estando nela estampado o enunciado que trabalha como recurso argumentativo por grupos contrários à presidente, eleita democraticamente em 2014. Construído verbalmente, “*A culpa não é minha, eu votei no Aécio*” funcionou para culpabilizar não somente ao governo por alguns problemas políticos e econômicos discutidos na época, antes e durante o processo de *impeachment* de 2016, mas também àqueles que o elegeram.

Dessa forma, “*A culpa não é minha, eu votei no Aécio*” foi um enunciado muito utilizado para espetáculos ou até mesmo para encenações midiáticas da época⁶, seja pelos participantes das passeatas e manifestações contra o governo pertencente ao Partido

⁶ Seguem como exemplo algumas reportagens sobre o assunto: <https://glo.bo/2MihQha>; <https://glo.bo/2oPMpSr>; <https://bit.ly/2VKihE0>.

dos Trabalhadores, seja pelos suportes nos quais ele passou, ou até mesmo pelos acordos políticos que ocorriam no Brasil. A repercussão foi grande. Sendo tudo ampliado pelo tiroteio discursivo existente no mundo tecnológico.

Todavia, alguns meses depois da manifestação na qual Ronaldo “Fenômeno” foi fotografado, Aécio Neves, que para alguns representava a melhor opção política nas eleições presidenciais de 2014, apareceu envolvido em um escândalo de corrupção. O acontecimento serviu para bloquear a utilização do enunciado “*A culpa não é minha, eu votei no Aécio*” por aqueles a seu favor, pois a credibilidade utilizada como recurso pelos eleitores e manifestantes se perdeu. Ao mesmo tempo, o acontecimento permitiu a sua utilização por aqueles do outro lado, ou seja, a favor da então presidente Dilma Rousseff. Essas problemáticas materializaram-se por meio de vários gêneros, tendo como exemplo a figura 2.

Figura 2: A culpa não é minha



Fonte: <<https://www.facebook.com/oposicaomemes/?tn-str=k*F>>
Acesso em: 15 de abril de 2018.

O meme presente na imagem acima traz consigo um conjunto de referentes que,

contextualizados, desqualificam, de forma sarcástica, os defensores do então candidato Aécio Neves. Para essa edificação, o meme constrói sua argumentação reapropriando-se “do discurso do outro, integrando-o por inversão” (AMOSSY, 2017, p. 55), sendo que essa contrariedade tem por base a imagem de um avestruz – vestido de verde-amarelo e escondendo sua cabeça. Essa ave, por meio das cores e da modalidade verbal, metaforiza aqueles manifestantes que agora, envergonhados, não desejam mais o reconhecimento. Ademais, pensando em memes, agora, presentes no mundo digital, não podemos desconsiderar que eles, em muitos momentos, engatilham comentários.

As postagens reativas de redes sociais são momentos interacionais entre indivíduos que, muitas vezes, por não conhecerem, violentam verbalmente outros participantes. Isso pode acontecer, porque postagens motivadoras envolvendo discussões políticas, como a presente na figura 2, são tendenciosas a debates guiados por questões emotivas, tornando-os, em alguns momentos, bélicos. (AMOSSY, 2017).

Além disso, voltando-se para nosso material de estudo, para analisar postagens reativas com exemplos de violência verbal no contexto digital, devemos levar em conta questões que dizem respeito à rede social *Instagram* e aos grupos de usuários nos quais as postagens acontecem. Por esse motivo, essas questões serão discutidas na próxima seção.

2.3 *Instagram*, Mídia NINJA e comentários

2.3.1 Mídia NINJA no *Instagram*

O *Instagram* foi instaurado com uma promessa de possibilitar a captura de momentos considerados como importantes para uma determinada pessoa. Segundo Canaltech⁷, um site de comunicação focado no mundo da tecnologia, essa rede social foi criada, nos Estados Unidos, pelo americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, no

⁷ <https://canaltech.com.br/> Acesso em 10 de janeiro de 2020.

dia 06 de outubro de 2010. Pouco tempo depois, tornou-se um aplicativo disponível para alguns aparelhos móveis da marca *Apple*, como são o *Iphone* e o *Ipad*. Em 2012, o aplicativo foi disponibilizado para dispositivos *Android*, além de vendido para o *Facebook* pelo valor de 1 bilhão de dólares.

No início, o *Instagram* podia ser acessado apenas por meio de aplicativos em aparelhos móveis. Isso ampliou-se quando surgiu a possibilidade do compartilhamento dessa rede com outras, como *Twitter* e o *Facebook*. De acordo com o Techtudo⁸, no Brasil, no ano de 2019, o *Instagram* tinha mais de 72 milhões de usuários. Por essa razão, passou a ser considerado como terceiro país com maior número de pessoas conectadas, perdendo apenas para os Estados Unidos e para a Índia.

Acreditamos que esses dados numéricos podem ser consequência da necessidade de um envolvimento de pessoas com as tecnologias, o que acontece em praticamente todos os contextos da vida em sociedade. Essa nossa proposição parte de Barton e Lee (2015), uma vez que, segundo os estudiosos, há uma

domesticação da tecnologia [...], conceito que captura o processo pelo qual as tecnologias são integradas à vida das pessoas e as medeiam; e, ao mesmo tempo, os usuários da tecnologia se reapropriam de tecnologias para facilitar suas atividades cotidianas. (BARTON e LEE, 2015, p. 12)

A partir desses apontamentos salientados pelos autores, devemos nos atentar que as redes sociais vão tomando várias funções, não podendo mais serem consideradas como simples pontos de encontros entre amigos. Conforme afirma Recuero (2005), essas redes devem ser compreendidas como um grupo constituído por representações individualizadas de atores sociais, sendo necessária uma participação ativa entre os envolvidos. Além disso, a autora expõe a necessidade de dois elementos básicos para existência de uma rede social: a presença de atores sociais, podendo ser pessoas,

⁸ <https://www.techtudo.com.br/>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

grupos ou instituições e as interações construídas pelos mesmos. Por esse motivo, um site, ou um aplicativo, por si só, não é autônomo para constituir uma rede social.

De início, o *Instagram* foi criado para possibilitar usuários a compartilharem fotos. Todavia, com o número de integrantes aumentando, sua função ampliou-se, junto às relações socioculturais em seu entorno. Esses apontamentos facilitam a compreensão de que a interação do mundo digital pode se transfigurar para o meio social.

Além disso, na atualidade, as postagens na rede *Instagram* podem ser compartilhadas para outras e, pensando na viralização proposta por Shifman (2014), entendemos esse fator como um multiplicador de números. A possibilidade de uma quantidade ainda maior de pessoas estarem conectadas via *Instagram* pode ter sido um dos fatores que fez com que essa rede social passasse a ser vista com um outro olhar pelos responsáveis de *marketing* de empresas.

Entendendo as redes sociais como espaços de interação (RECUERO, 2005), não podemos ignorar que essa característica tem um conjunto de papéis textuais e discursivos. Um deles, de acordo com Cabral e Lima (2017), são os agrupamentos de pessoas com mesmos posicionamentos sociais e ideológicos. A junção desses atores sociais com posicionamentos identificáveis pode acontecer por meio de grupos criados em redes sociais, como no *Instagram*. Um exemplo é do qual foi retirado nosso *corpus*, o coletivo Mídia Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, Mídia NINJA.

O coletivo Mídia NINJA⁹, ao contrário de outras instituições jornalísticas, defende a ideia de que nenhuma das construções humanas consegue ser imparcial e, a partir desse juízo, assume a parcialidade em seu trabalho. Desse modo, o coletivo se afirma descentralizado, tendo por intenção, colaborativamente, propagar conteúdos os quais acredita serem importantes para classes minoritárias. Guiado por essa reflexão, Mídia NINJA se defende como uma mídia livre, podendo divulgar informações sobre valores

⁹ <http://midianinja.org/>. Acesso em 11 de janeiro de 2020.

e direitos sociais, construindo uma narrativa social mais comunitária e mais afetiva.

Mídia NINJA surgiu em 2013 e foi ganhando prestígio ao fazer coberturas, ao vivo, de várias manifestações ocorridas no Brasil, mostrando pontos de vista invisíveis para a mídias tradicionais e monopolizadas. Três anos depois, durante o segundo governo de Dilma Rousseff, ante a uma instabilidade política da época, o grupo trabalhou para manter a democracia. A rede se considera uma teia espalhada pelo Brasil e, dessa maneira, consegue dar voz às diversas comunidades que são silenciadas pela aristocracia brasileira.

Escolhemos uma das páginas do coletivo Mídia NINJA, da rede social *Instagram*, como local de origem de nosso objeto de estudo, por dois motivos. O primeiro diz respeito ao número considerável de seguidores que, no período da coleta dos dados, ultrapassava o de 1,2 milhão. Um grupo de rede social com essa quantidade de participantes possui um grande alcance, assim como uma quantidade relevante de postagens e comentários. O segundo motivo é que em postagens reativas dessa rede não há a ocorrência de muitos recursos imagéticos digitais (.gifs, vídeos, memes etc), quando comparado a redes sociais como o *Twitter* e o *Facebook*. Uma vez que nosso foco é a linguagem verbal das postagens reativas, elementos discursivos construídos por outras modalidades não serão levados em consideração em nossas análises.

2.3.2 As postagens reativas de redes sociais

Para pensar em comentários produzidos nas redes digitais, como é o caso do *Instagram*, levamos em consideração o que defende Recuero (2005). Segundo a autora, os espaços digitais devem ser compreendidos como ambientes favorecedores da convivência entre atores sociais e, dentro dessa realidade, constroem-se relações pessoais a todo o momento, afetivas ou não. Dessa forma, fica em evidencia a importância de questões interacionais nesse novo ambiente.

Barros (2016) salienta que, por meio dos comentários, os atores sociais podem encontrar os recursos textuais e discursivos necessários para o funcionamento interacional de uma determinada rede. Isso acontece, pois, esses ambientes oferecem possibilidades de retornos, de diálogos, de réplicas entre outros modos de comunicação, permitindo a interação entre os envolvidos.

Tratando-se da linguagem verbal, momentos interacionais instaurados por meio de comentários constroem-se por marcas linguísticas que indicam um sistema regular, que permite reconhecimento e identificação entre os envolvidos. Dessa maneira, postagens oferecem pistas acerca da direção a ser tomada no discurso, podendo ela ser contínua ou não, uma vez que, cada momento comunicativo tem sua particularidade. Por esse motivo, é importante considerar questões contextuais envolvidas, bem como quem são os participantes, como salientam Cabral e Lima (2017).

Além disso, um ambiente no qual a comunicação é mediada pelos aparelhos tecnológicos “abrange todos os formatos de comunicação e os respectivos gêneros que emergem nesse contexto” (MARCUSCHI, 2008, p. 199). Logo, as postagens reativas são dependentes de momentos interacionais e de vários fatores ancorados no mundo digital. Ou seja, ao serem produzidos, os comentários têm uma plasticidade que é extremamente importante para sua composição e para seu funcionamento.

Ainda sobre comentários, devemos considerar os recursos multimodais construídos pelo *layout* de cada uma das redes sociais nos quais estão sendo produzidos, uma vez que essa característica também tem importantes papéis dentro do momento interacional.

A figura 3 tem como objetivo demonstrar questões relativas aos ícones e ao *layout* constituintes da página *Instagram*, assim como visualizar de que forma um comentário é construído numa relação com os anteriores e com a postagem motivadora, criando uma espécie de rede, como é salientado por Recuero (2005). No caso da postagem

presente nessa figura, ela traz à tona uma das várias exposições do coletivo Mídia NINJA como forma de criticar ações políticas do presidente Jair Bolsonaro.

Figura 3: Caixa de comentários do *Instagram*



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/B790C9DBhD8/>>>
Acesso: 02 de fevereiro de 2020.

Para um melhor entendimento de como ícones têm participação durante os momentos interacionais nos quais os comentários são construídos, realizamos descrições de algumas funções:

- o ícone número 1 representa o lugar em que as postagens reativas podem ser produzidas, sendo que elas podem conter até 160 caracteres;
- o ícone número 2 oferece a possibilidade de interlocutores aprovarem a postagem. Essa ideia é construída por meio de um ícone em formato de coração, marcando o posicionamento de forma emotiva;
- o ícone número 3 representa a opção de comentar e, ao clicar nele, o cursor de digitação é encaminhado para o espaço de comentário (número 1);

- o ícone número 4 é a opção de compartilhamento. Assim, ao receber um clique, são oferecidas possibilidades de compartilhamento da postagem no *Facebook*, no *Messenger*, no *Twitter*, por *email* ou simplesmente copiar o *link*;
- o ícone número 5 tem a função de marcar e salvar a postagem, para que assim o usuário possa, em outro momento, encontrá-la com mais facilidade em seu perfil;
- o ícone número 6 tem função semelhante ao número 1, contudo, ele representa uma aprovação aos comentários e não à postagem.

Devemos salientar que o *layout* desses ícones pode sofrer algumas alterações de acordo com o aparelho pelo qual o *Instagram* é acessado. Contudo, essa não é nossa discussão, uma vez que apenas a organização é alterada, não as funções. Além disso, ao comentar uma postagem motivadora ou ao respondê-la, o usuário tem acesso a praticamente todas as informações representadas por esses ícones, acrescidas dos discursos materialmente construídos, podendo esse fator ser relevante, já que auxilia no encaminhamento de estratégias argumentativas. A partir desses apontamentos, podemos compreender que

as atividades realizadas pelos comentaristas desembocam em ações que são percebidas e interpretadas, assim como exibição do meme, a partir do que é tornado significativo e das (re)laborações, que contam com as representações acessadas e acessíveis, mediante enquadramentos e modelos arquivados, mas reconfigurados nos momentos próprios das interações, onde passam a ganhar sentido, e estando, então, tais gêneros inseridos socialmente, na representatividade, na força, nos deslocamentos e nas compreensões possíveis que serão efetivadas em razão a um corpo que socialmente estrutura e atribui a esses constructos relações, a partir de como a eles se reage, a eles se recorre e eles se interpreta, em como tornam “típicas” as atividades, que são socialmente constituídas, o que leva-nos, inclusive, a compreender que o próprio processo de construção e configuração do comentários está embebido em conhecimentos prévios e procedimentos de resignificação, a partir de uma perspectiva que considera esses sujeitos interagentes situados e detentores de uma cognição que não se configura, apenas, internamente, mas se processa enquanto fenômeno social, a partir também de uma memória que é significada culturalmente [...]. (BARROS, 2016, p. 48-49)

Os apontamentos de Barros nos revelam que comentários de redes sociais são construídos por atores socialmente situados, participativos no momento interacional no

qual estão inseridos. A partir dessa ponderação, respostas ou contrarresposta de postagens podem ser tendenciosas à violência verbal, pois, determinados assuntos têm a capacidade de marcar um forte envolvimento pessoal e a responsabilização da fala de um indivíduo singular, sendo no interior desse jogo de máscaras que pode acontecer uma despersonalização e, por esse motivo, uma desresponsabilização em todas as esferas. (AMOSSY, 2017)

A partir desses apontamentos, compreendemos que postagens reativas não podem ser observadas como textos isolados, mas sim como um texto coconstruído. Isso, porque, ainda que sejam realizados por atores sociais distintos, eles são produzidos na interação desses participantes, o que faz com que comentários em postagens tenham uma autonomia relativa (CABRAL, 2019).

Além dessas proposições acerca de postagens reativas, a autora acima afirma que elas, ao serem produzidas, manifestam posicionamentos do usuário sobre o tema em jogo. Dessa forma, para que possamos vislumbrar a violência verbal como um recurso argumentativo, sua presença nos comentários deve ser analisada num *continuum*, sendo considerados fatores co(n)textuais e discursivos que estão imbricados ao evento. Essa é a discussão da próxima seção.

2.4 Violência verbal como recurso argumentativo

De acordo com Recuero (2005), as redes sociais podem ser compreendidas como relações sociais da contemporaneidade. Isso, pois, agora, alguns vínculos que antes ocorriam por meio de contatos sociais, acontecem por meio de postagens e comentários, oferecendo aos envolvidos maiores “liberdade” e “autonomia”, já que essas interações conseguem se deslocar de algumas normas sociais. Dessa maneira, as redes digitais são novos espaços para encontros e para discussões sobre os mais variados assuntos.

É dentro do contexto interacional acima que, muitas vezes, a violência verbal é utilizada para defender a uma ideia. Para Cabral e Santos (2016, p. 28), isso acontece, pois, “o sujeito toma a língua como instrumento para realizar seus propósitos, insere-se no enunciado e constrói com ele objetos de discurso que instauram seus pontos de vista a respeito da realidade instaurada no discurso.”. Essas observações facilitam a compreensão de como a violência, nesse ambiente, pode funcionar de forma estratégica. Contudo, para que possamos discutir em quais momentos ela pode cumprir essa função, precisamos, primeiramente, explanar o conceito de argumentação adotado em nossa pesquisa.

O conceito de argumentação não diz respeito apenas à ideia de convencimento, ou seja, de levar o interlocutor a alterar suas formas de agir ou de pensar, mas também [...] à construção de um ponto de vista, ou de uma dimensão argumentativa, [...] há discursos que influenciam os interlocutores sem que, para tanto, se assumam um empreendimento argumentativo propriamente; esses discursos apresentam um ponto de vista, o qual exerce, é claro, alguma forma de influência sobre os demais participantes da interação, pois o discurso não se dá no vazio nem se circunscreve a si mesmo, ele é voltado para o mundo, para o outro. Devemos ter em mente que o texto é um evento situado socialmente e discursivamente e, desse ponto de vista, no diálogo discursivo, há um movimento em direção ao outro, que busca adesão. (CABRAL, 2019, p. 418)

As constatações da estudiosa são aplicáveis a vários eventos textuais e discursivos, contudo, são ainda mais perceptíveis quando empregados às postagens reativas em redes sociais. Isso, porque, muitas vezes, nas interações desse ambiente, insultos e outros tipos de violência são utilizadas para defender ou apenas para reforçar pontos de vista.

As interações de redes sociais podem acontecer por meio de uma postagem motivadora que, ainda que não seja direcionada a alguém, têm a capacidade de marcar posicionamentos; pode também acontecer por postagens reativas, sejam elas em acordo ou desacordo a posicionamentos específicos. Logo, o discurso, nesse ambiente “é situado e tem efeitos sobre os envolvidos na situação discursiva.” (CABRAL, 2019, p. 419). É dentro dessa realidade interacional que a violência verbal pode se instaurar com um papel discursivo.

Em determinados contextos, a violência verbal é considerada como uma forma de transgressão às normas sociais. Contudo, dentro de uma nova realidade discursiva atrelada ao mundo digital, o objetivo da violência verbal não é apenas ameaçar a uma face, mas também defender uma ideia. Isso acontece, porque, em muitos momentos, os atores sociais participantes dessas interações têm como objetivos expor seus pontos de vista, defender e construir identidades, marcar diferenças. Muitas vezes, para alcançar a esses objetivos, são realizadas escolhas linguísticas orientadas pelo dizer do outro que, muitas vezes, apropriam-se, estrategicamente, de referentes violentos para inibir os outros (CABRAL, 2019).

Mais uma estudiosa que também tem dado atenção à presença constante da violência verbal em alguns discursos é Amossy (2017), em *Apologia da Polêmica*. Nessa obra, a autora solidifica a polêmica como uma modalidade argumentativa que se constrói numa ancoragem conflitual, por meio de uma troca de argumentos contrários ou a favor de uma determinada tese. Nessas considerações de Amossy, aquilo que é relevante para nossa pesquisa são seus apontamentos sobre a violência verbal.

Ao mesmo tempo em que Amossy afirma que a violência verbal tem presença marcante em discursos construídos por meio da polêmica, a autora relata que essa marca “não é nem uma condição suficiente, nem mesmo uma condição necessária. Porém, mesmo quando ela acompanha um discurso polêmico, *e o faz frequentemente*, a violência aparece *mais como auxiliar* do que como um traço definatório” (AMOSSY, 2017, p. 168-169 – *grifos nossos*). Dessa forma, a violência verbal é utilizada como recurso estratégico, tendo como objetivo reforçar a defesa de uma tese.

Além disso, a presença da violência verbal acontece porque, em momentos nos quais a polêmica se torna presente, são utilizados vários recursos retóricos, uma vez que “polemizar é tentar falsear”, como salienta Amossy (2017, p. 59), a partir de Kerbrat-Orecchioni. Com isso, a depreciação do outro é um artifício para menosprezar a sua imagem e, automaticamente, a ideia por ele defendida.

A desqualificação da tese, geralmente, acompanha a desqualificação da pessoa ou do grupo que ela representa [...]. O adversário é considerado à parte a fim de que seja privado de toda a possibilidade de exercer legitimidade, e eficazmente, sua influência. O descrédito lançado sobre as pessoas anula a força de seus argumentos. Os ataques podem ser mais ou menos pronunciados, e a relação com o outro pode variar. Pode-se desqualificar uma tese adversária ao mesmo tempo em que desqualificam seus defensores, atacando-os apenas pontualmente em razão de sua tomada de posição [...]. (AMOSSY, 2017, p. 60)

Essas ponderações da autora podem, parcialmente, serem aplicados à nossa pesquisa, uma vez que, em discursos do mundo digital, a violência verbal pode ser utilizada para contrariar argumentos, já que, ao mesmo tempo em que se desqualifica, se refuta o adversário e seu ponto de vista. Tal procedimento de atacar a palavra ou a imagem do outro é também utilizado em discussões políticas, que utilizam argumentos por meio de uma contrariedade. Nesses momentos, muitos são os alvos: pode ser a índole, o trabalho, a profissão, a família, o partido, ou qualquer outro fator que possa ser associado ao adversário para, de alguma maneira, depreciar/deslegitimar as ideias defendidas.

Dessa forma, por meio de fatores discursivos que impossibilitam o acordo, debates se constroem em uma busca em eliminar os argumentos do outro, um “desenrolar da confrontação em espaço público” (AMOSSY, 2017, p. 61). Junto às características que permeiam esse dissenso, surgem várias interações conflituais que podem, em alguns momentos, perder o controle. Em tais situações instaura-se a violência verbal, sendo ela utilizada em desacordos bélicos.

Todas essas afirmações servem para demonstrar que a violência verbal é algo além da polêmica, sendo que aquela apenas reforça a argumentatividade desta. Plantin certifica as afirmações acima, ao dizer que

a violência verbal é a coisa mais compartilhada no mundo. Se em uma controvérsia científica um colega nos trata como idiotas ou se um motorista agressivo que não entendeu nossa manobra nos trata como idiotas, o efeito do dano é o mesmo. A polêmica agressiva aparece em continuidade com as

formas de violência interacional ordinária¹⁰ (PLANTIN, 2016, p. 74)

As considerações de Plantin afirmam que a violência verbal é comum em esferas sociais, apesar de não ser considerada como algo benigno. Além disso, outro fator acerca da violência verbal que não pode ser deixado de lado é a forma como é utilizada. Ela não pode ser delimitada a insultos e grosseiras, uma vez que, em alguns momentos, pode acontecer por meio de recursos para ridicularizarem o adversário, como a ironia e o sarcasmo.

Essas colocações nos atentam para o fato de que a violência, presente nas postagens reativas que constituem nosso *corpus*, não se constroem de forma incontrolável, mas sim como recurso regulado e funcional para intensificar os argumentos utilizados nos embates. Por tal motivo, nos apropriamos, para nossa pesquisa, de alguns parâmetros de Amossy (2017), para com eles identificar a violência verbal e seu possível papel argumentativo nos discursos nos quais está presente. São eles:

- I. a violência verbal pode manifestar-se por meio de pressão ou coibição, sendo que na utilização desses recursos, o outro é impedido de expor seus argumentos. De certa forma, podemos considerar que esse tipo de violência impele um ataque direto a questões democráticas, pois não permite a participação de todos os envolvidos;
- II. a violência verbal pode ser utilizada para a desqualificação dos argumentos adversários. Por meio desse recurso, os argumentos utilizados pelo outro são reformulados para que, descontextualizados, percam a sua coerência. Recursos linguísticos como a ironia e o sarcasmo são muito utilizados, apropriando-se do enunciado alheio com o objetivo de ridicularizá-lo.

¹⁰ [...] la agresividad verbal es la cosa más compartida del mundo. Si en una polémica científica un colega nos trata de imbéciles o si un automovilista irascible que no comprendió nuestra maniobra nos trata de tarados, el efecto de injuria es el mismo. La agresividad polémica aparece en continuidad con las formas de violencia interaccional ordinaria. (tradução nossa)

III. a violência verbal pode ser representada com ataques a imagem do adversário, ao invés de seu discurso. Esse tipo de ataque pode acontecer de três formas: a) um ataque direto a pessoa do adversário; b) a alegação de que há uma inconsistência entre as circunstâncias e a formulação do argumento, tornando-o incoerente; c) o argumento distorcido, no qual o proponente é acusado de usar seus argumentos com interesses próprios e desqualificados para a discussão.

IV. a violência verbal pode oferecer a ideia de demonização do outro, tornando-o detentor do mal absoluto. Por meio desse recurso, as qualificações dadas ao oponente são demonizadas, expulsando-lhe dos grupos com princípios legítimos;

V. a violência verbal pode representar-se com uma ligação mais perceptível à afeição, que pode ser representado por marcas lexicais, sintáticas ou prosódicas. Isso acontece porque o locutor fica agitado devido às representações sentimentais originadas pelo oponente.

VI. a violência verbal pode funcionar como a utilização de argumentos contra o adversário, sendo construída uma desqualificação por meio de ofensa e insultos. Para utilizar esse recurso, o locutor parte da ideia de que seu adversário é alguém inferior.

VII. a violência verbal pode se manifestar por incitações à violência física, tratando-se de encorajamentos para a utilização de força bruta contra o outro. Muitas vezes, esses discursos rompem com a civilidade.

Todos esses parâmetros acerca da violência verbal facilitam a compreensão e o entendimento de como a mesma pode exercer um importante papel discursivo. Entretanto, no que diz respeito ao nosso *corpus*, devemos também nos atentar para questões interacionais.

Mesmo sem a proximidade, os diálogos construídos em ambientes digitais podem oferecer a sensação de proximidade, permitindo uma interação espontânea e mais coloquial. Esses fatores guiam as pessoas a colocarem suas emoções com mais tranquilidade ou com mais fervor. (CABRAL e LIMA, 2017). Por conseguinte, muitas vezes, diálogos produzidos por debates em que há marcas de posicionamentos sociais, políticos, partidários e ideológicos podem encaminhar as construções discursivas para agressividade. Essa característica pode fortalecer a imagem pejorativa da violência verbal, uma vez que são considerados apenas fatores sociais, desconsiderando os artefatos textuais e discursivos nos quais ela aparece.

Além desse viés discursivo, para nossa pesquisa, dentro da LT, é necessário discutirmos algumas das marcas linguísticas relevantes para que um enunciado possa apropriar-se da violência verbal para defender um ponto de vista. Em especial, na próxima seção, teremos como foco a referência e a intertextualidade.

3 TEXTO, REFERENCIAÇÃO E INTERTEXTUALIDADE

Este capítulo está organizado em três seções: na primeira, apresentamos os conceitos de texto e contexto que subsidiam esta pesquisa; na segunda, tratamos da referenciação; na terceira, discorremos sobre a intertextualidade estrita e sobre a intertextualidade ampla.

3.1 Texto e contexto

Definir texto, considerando-se toda a complexidade que lhe é constitutiva, não é fácil. Nessa empreitada, partimos do pressuposto de Marcuschi (2008), para quem o texto “*refrata o mundo na medida em que o reordena e o reconstrói*” (2008, p. 72 - *grifos do autor*). Partindo dessas considerações, o texto, em diferentes modalidades de linguagem, é uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico, que (re)constrói o mundo, não podendo ser entendido como um simples agrupamento de orações organizadas.

Nesse sentido, o texto “envolve uma complexidade de fatores atinentes ao uso da língua e a interesses em jogo, no curso mesmo da interação, razão pela qual o processamento depende não só de características textuais, como também de características dos usuários da língua (objetivos, convicções, conhecimentos)”. (CAPISTRANO JÚNIOR et. al, 2019, p. 160)

Posto isso, adotamos, nesta pesquisa, a concepção de texto como

um evento, de modo que a investigação dos mecanismos utilizados pelos sujeitos para dar sentido ao que produzem e compreendem deve ser estabelecida tomando por base, sempre, a interação e todo o contexto social que ela incorpora. Isso pressupõe assumir a importância capital de outras instâncias além da materialidade (linguística, visual, sonora), tais como os papéis sociais que os interlocutores assumem, as coordenadas dêiticas de pessoa, tempo, lugar e modo em cada campo mostrativo instaurado pelo texto, o compartilhamento de esquemas mentais ressignificados a cada uso e os pontos de vista assumidos ou rechaçados frente a crenças e valores sociais. (CAVALCANTE et al., 2019, p. 32)

Os apontamentos dos autores demonstram que, em uma perspectiva sociocognitiva e interacional, entender um texto e seu funcionamento vai além de sua materialidade. Seguindo tal raciocínio, todo texto deve ser compreendido como uma negociação entre os envolvidos e, por esse motivo, é um evento singular, sempre guiado por uma orientação argumentativa. Isso, porque, mesmo um texto não tendo o objetivo de defender a um ponto de vista, o seu produtor tenta, de algum modo, influenciar o(s) participante(s) do momento interacional quanto a mudanças no(s) seu(s) modo(s) de sentir, agir e pensar. (CAVALCANTE, et al., 2019, p. 32)

Dessa forma, a constituição de texto e de seu sentido requer uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas. Segundo Koch (2015), essas operações são resultados da interação de várias ações praticadas pelos sujeitos de forma negociada e situada, textualmente orientada (CAPISTRANO JÚNIOR *et. al.*, 2019, p. 160), como podemos perceber no exemplo abaixo.



Fonte: <<<https://bit.ly/2qerLeW>>>

Acesso em: 25 de maio de 2019.

Para a compreensão do meme presente na figura 4, algumas informações são extremamente necessárias: I) conhecer a repercussão de uma postagem de Jair Bolsonaro no *Twitter*¹¹; II) ter conhecimento de que o deputado Alexandre Frota foi protagonista de filmes pornográficos, encenando com personagens de diferentes sexos e diferentes orientações sexuais; III) saber que o deputado, em momentos políticos, apoiou de forma contundente o então candidato à presidência, Jair Bolsonaro; IV) conhecer o significado da expressão *Golden Shower*. Então, com base em conhecimentos requeridos, o leitor se guiará pelas pistas deixadas e depreenderá efeitos de sentido desejados.

Desse modo, a compreensão do texto como uma entidade multifacetada cuja constituição envolve linguagens variadas e conhecimentos pressupostamente compartilhados demanda uma concepção de contexto que põe em evidência os sujeitos, seus conhecimentos e intenções, papéis e funções sociais, o entorno histórico-social.

No quadro teórico da LT, inicialmente, o contexto era considerado como o entorno verbal (cotexto). Com o avanço das pesquisas na área, atualmente, o contexto, longe de ser uma realidade objetiva e pré-existente, envolve os participantes do evento e seus aparatos cognitivos e o entorno sócio-político. Dessa forma, o “contexto é [...] um conjunto de suposições, baseadas nos saberes dos interlocutores, mobilizadas para a interpretação de um texto.” (KOCH e ELIAS, 2012, p. 63).

Ainda assim, na abordagem interacional de base sociocognitiva, van Dijk (2012) afirma que o contexto não pode ser considerado simplesmente como algo externo aos participantes, mas também algo construído por eles, numa interrelação entre aparatos

¹¹ Nessa postagem, o presidente compartilha um vídeo no qual aparece um homem seminu dançando em cima de um táxi e, após inserir seu dedo no próprio ânus recebe, de outra pessoa, que entra em cena, um banho de urina conhecido por alguns como *golden shower* (chuva dourada). Em meio aos comentários dessa postagem, contrários e a favor, o presidente pergunta o que é *golden shower*, o que serviu de gatilho para memes como o da figura 4. A postagem teve grande repercussão, seja pelo fato de ter sido compartilhada em rede social aberta, seja pela fala do presidente, generalizando que blocos de carnaval têm sexo como objetivo.

sociais e mentais. Dessa forma, cada um dos participantes do evento têm um modelo mental.

Esses modelos mentais “não representam objetivamente os eventos de que fala o discurso, mas antes as maneiras como os usuários da língua interpretam ou constroem cada um a seu modo esses eventos, por exemplo, em função de objetivos pessoais, conhecimentos ou experiências prévias”. (VAN DIJK, 2012, p. 92).

Nesse prisma, os modelos mentais podem ser compreendidos como aparatos cognitivos de sujeitos, interpretações subjetivas de eventos compartilhados. Logo, para um participante compreender um texto, modelos mentais sobre o evento comunicativo são acessados, para que assim possam ser construídos modelos de contexto específicos e adequados.

Guiando-se nessa perspectiva, o sujeito é compreendido como ativo, uma vez que sua interpretação é considerada como mobilização de um conjunto de processos acionados por sua bagagem sociocognitiva, carregada de conhecimentos da língua e de mundo.

Com base nessas exposições, é evidente o entendimento de que marcas ideológicas e sociais vão concretizando os elementos do mundo em textos. Dessa forma, partindo da afirmação de que todo o texto é uma negociação guiada pela argumentatividade Cavalcante *et. al.* (2019), podemos declarar que não há textos construídos com imparcialidades, mas sim atrelados ao modo de ver o mundo dos participantes. Esses pontos são relevantes e vão nos orientar para o entendimento de que os referentes (ou objetos de discurso) são (re)construídos em função de um querer-dizer, sinalizando uma orientação argumentativa, assim como veremos na próxima seção.

3.2 Referenciação: a (re)construção de objetos de discurso

A referenciação, em uma perspectiva sociocognitiva e interacional, é entendida como uma atividade discursiva que desencadeia a (re)construção de referentes (objetos de

discurso), no curso das interações de que participamos (KOCH, 2003, 2008; MARCUSCHI, 2008; CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014). Trata-se de uma atividade dinâmica que põe em evidência a instabilidade do real.

Além disso, de acordo com Mondada e Dubois (2003, p. 35), a referenciação é “concebida como uma construção colaborativa de objetos de discursos – quer dizer, objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas”. Em outras palavras, a (re)construção de referentes se apoia na intersubjetividade, em uma constante negociação de sentidos.

Ainda segundo as autoras, a visão de linguagem como atividade codificadora de informações objetivas, de espelhamento das coisas do mundo desconsidera aspectos sociais e cognitivos do real. Não existe uma relação biunívoca objetiva e transparente entre o mundo e a linguagem.

Dessa forma, “objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, eles a (re)constroem no próprio processo de interação.” (KOCH e ELIAS, 2013, p. 124), uma vez que vão se configurando contextualmente, com base em pistas textuais. E uma vez introduzidos, “os referentes vão sendo modificados, desativados, reativados, recategorizados, de modo a construir-se ou reconstruir-se o sentido no curso da progressão textual.” (KOCH, 2008, p. 101). Desse modo, um objeto de discurso pode ser elaborado progressivamente dentro de uma dinâmica discursiva, sendo que pode ganhar vários sentidos, podendo eles serem reavaliados e transformados.

Ainda no que diz respeito à dinamicidade da atividade referencial, Alves Filho (2010) afirma que a referenciação é inteiramente elaborada no ato pragmático, sendo ele único e inédito, e ainda que a “construção de um processo referencial se ampara sociocognitivamente em conjuntos de índices sociais de valores *dados* e relativamente estabilizados.” (ALVES FILHO, 2010, p. 216- *grifos do autor*).

Em vista disso, com base na afirmação de Alves Filho, podemos entender que ao ato de referenciar subjazem percepções dos sujeitos sociais, seus valores e crenças socialmente construídos. Sob essa visão, um mesmo fato pode ser nomeado de diferentes formas, uma vez que o modo como um referente é indiciado na superfície do texto é revelador de intencionalidades pretendidas (CAVALCANTE *et. al.*, 2019). Além disso, é preciso considerar que as recategorizações (transformações, ampliações por que passam os referentes) sinalizam uma orientação argumentativa do sujeito, de acordo com seu projeto de dizer.

Ainda em relação à recategorização, assumimos o entendimento de que esse processo “é tão inerente ao processo referencial que acontece estando não explicitada nas expressões referenciais dentro de um mesmo texto e é perceptível por diversos indícios contextuais. (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014, p 32)

Nessa lógica, as construções de referentes constituem escolhas do sujeito para marcar o posicionamento argumentativo de seu enunciado. Por isso, é possível afirmar que a construção do objeto de discurso é estratégica, pois são feitas escolhas a partir de propósitos discursivos. Assim, torna-se importante analisarmos os processos referenciais presentes nas postagens reativas de nosso *corpus*, uma vez que comentários construídos em redes sociais, como é o caso do *Instagram*, podem ser considerados “como um objeto co-construído e, por consequência, pode ser lugar da defesa de variados pontos de vista em confronto.” (CABRAL, 2019, p. 419). Por essa razão, nas próximas seções, discorreremos sobre as noções de anáfora direta e indireta, encapsulamento e rotulação.

3.2.1 Anáforas direta e indireta

O processo anafórico desempenha papel fundamental na continuidade e, simultaneamente, na progressão referencial (KOCH, 2015). Tradicionalmente, nos estudos da LT, o termo *anáfora* é usado para continuar uma referência já introduzida no texto. Assim, o conceito é usado para designar expressões que, no texto, reportam-

se a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo para a continuidade tópica e referencial. (MARCUSCHI, 2001, p. 219).

Além disso, atualmente, entende-se que a noção de anáfora também se aplica a casos em que uma expressão nominal, sem antecedente explícito no texto, está cognitivamente relacionada a algum elemento anterior, que funciona como uma âncora interpretativa.

De modo geral, as anáforas resultam de estratégias de estabilização de objetos de discurso no texto. Nesse processo, as anáforas diretas retomam referentes prévios, estabelecendo uma relação de correferencialidade. Por sua vez, as anáforas indiretas, num processo de referenciação implícita, introduzem novos referentes, cujo processamento demanda a mobilização de conhecimentos prévios no estabelecimento de uma relação entre a anáfora indireta e o elemento que lhe serve de âncora (KOCH, 2015; KOCH e ELIAS, 2012, 2013; CAVALCANTE, 2012).

Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), as anáforas diretas, além do traço de correferencialidade, atuam na reconstrução, ou seja, na recategorização referencial. Neste sentido, podemos entender que nas anáforas correferenciais, em geral, os referentes passam por recategorizações, isto é, por uma modificação que os participantes da enunciação constroem sociocognitivamente; tal recategorização pode ou não estar implícita na própria expressão anafórica. (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014, p. 66)

Vejamos um exemplo.

Figura 5: Big Bozo Brasil



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/BuFA6ZznR6W>>>

Acesso: 15 de junho de 2019

Apesar de a figura acima ser constituída por vários referentes, para exemplificar uma anáfora, nos apropriaremos de apenas um deles, construído pelo neologismo *Big Bozo Brasil*.

O meme da figura 5 constrói, por meio de fotos dos primeiros ministros do governo Bolsonaro, em uma relação intertextual com o programa de tv *Big Brother Brasil*¹², uma ideia de que todos deixarão seu cargo, ou seja, serão “eliminados”¹³, como acontece no *reality show*. Dessa forma, a anáfora *Big Bozo Brasil* pode funcionar como uma

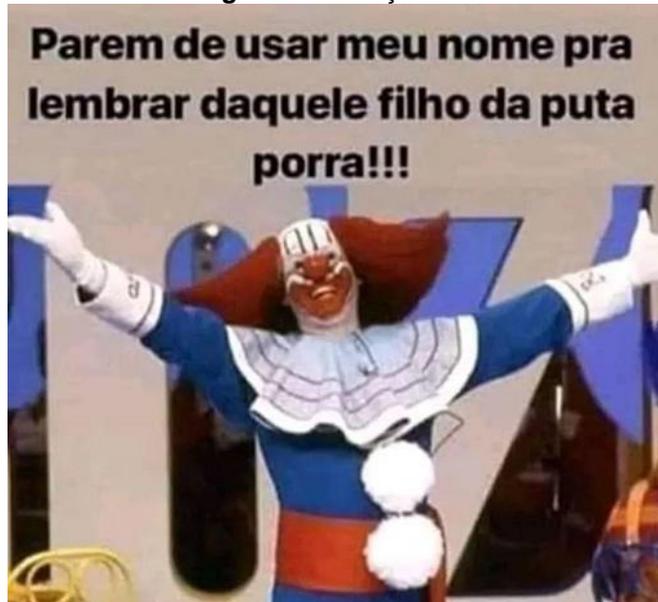
¹² *Big Brother Brasil* (BBB) é uma versão brasileira de um *reality show* holandês, o *Big Brother*. Nessa versão, produzida pela Rede Globo de Televisão, os participantes ficam em confinamento em uma casa, isolados de forma absoluta do mundo externo e vigiados por câmeras 24 horas. Durante esse período, esses integrantes do *reality* passam por vários processos eliminatórios, tendo que ficar na casa até o último dia, quando ocorre uma votação na qual o público escolhe quem será o vencedor.

¹³ A postagem desse meme aconteceu poucos dias depois que o presidente, no dia 18 de fevereiro de 2019, exonerou, pela primeira vez em seu mandato, um de seus ministros. Após a exoneração do responsável pela Secretaria-Geral, Gustavo Bebianno, o grupo Mídia NINJA, em sua postagem, lança a discussão de quem seria o próximo.

retomada da temática construída pelos outros referentes constituintes do texto. Ainda, nesse caso de correferencialidade, outro ponto que merece atenção é a escolha das palavras *Bozo* e *Big* para constituírem o objeto de discurso.

O termo *Bozo* é utilizado como uma forma de criticar o presidente e seu grupo político, associando-os a um palhaço. Tal associação¹⁴ acontece porque a palavra *Bozo* é o nome de um famoso palhaço norte-americano, que teve uma versão de sucesso na tv brasileira na década de 1980. Essa associação pode ser exemplificada pela figura abaixo.

Figura 6: Palhaço Bozo



Fonte: << <https://picbabun.com/tag/bozolixo>>>

Acesso: 05 de abril de 2020

Além dessas questões contextuais, importantes para a compreensão da figura 6, outro ponto relevante é a utilização do termo *big*. Isso, pois, ao mesmo tempo em que

¹⁴ Essa associação do Presidente Jair Bolsonaro a palhaços pode ser percebida em vários momentos: no dia 21 de fevereiro de 2020, no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, a escola Acadêmicos do Vigário Geral levou um tripé com um palhaço gigante, usando uma faixa presidencial e fazendo sinal de armas com as mãos, marca da campanha presidencial de Bolsonaro; após viralizações de várias fotos desse desfile em diversas redes sociais, o ator Wanderley Tribeck, o ex-palhaço *Bozo* do Brasil, compartilhou um vídeo em redes sociais. Nessa gravação, o mesmo afirma que ao chamarem o presidente *Bozo*, estão elogiando-o, pois o personagem teve grande sucesso no mundo. Pouco tempo depois, o vídeo foi compartilhado pelo presidente e seus apoiadores.

funciona para a associação dos ministros do governo ao *reality show Big Brother Brasil*, também serve para ampliar a carga semântica das “palhaçadas” do governo, já que *big*, em inglês, significa grande. Em outras palavras, a expressão nominal *Big Bozo* aponta, por meio de uma categorização, para uma possível interpretação de “Bolsonaro (ou seu governo) é o grande palhaço do Brasil”. O meme presente na figura 6 é um exemplo dessa associação.

As considerações que realizamos a partir do referente *Big Bozo Brasil* e suas relações co(n)textuais evidenciam de que maneira um objeto de discurso pode sinalizar direcionamentos argumentativos, uma vez que todo o processo referencial tem um papel argumentativo ou uma função avaliativa (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014). Dessa maneira, ao produzimos nosso discurso, escolhemos os termos que são relevantes para o alcance de nosso objetivo. Em síntese,

os objetos do discurso são construídos e reconstruídos textualmente e que a referenciação é um importante mecanismo argumentativo, à medida que não se limita e retomar elementos linguísticos, mas os recategoriza. Além disso, verificamos também como é importante a associação entre os conhecimentos prévios para entender as relações referenciais construídas no texto, uma vez que os mecanismos de referenciação são vistos como um processo cultural que pode ser modificado na interação autor-texto-leitor. (BARBALHO e SANTOS, 2016, p. 19)

Assim, podemos concluir que o referente *Big Bozo Brasil*, por meio do humor, ajuda a construir uma desqualificação, no caso, do governo Bolsonaro. Esse humor se configura em suposta “eliminação” de todos os ministros. Para facilitar a entendimento dessa relação intertextual, trouxemos como exemplo a imagem original, a partir da qual houve a remixagem, traço constitutivo dos memes.

Figura 7: Big Brother Brasil



Fonte: <<<https://glo.bo/2ODzOKI>>>

Acesso: 15 de junho de 2019

Enquanto as anáforas diretas retomam um mesmo referente, as indiretas são capazes de demonstrar que um texto não pode ser entendido como um encadeamento linear. Por isso, esse tipo de anáfora deve ser compreendida como um fenômeno que ocorre no decorrer do processamento textual, já que “coerência será aqui vista sobretudo como um princípio de interpretação e não um princípio de encadeamento enunciativo ou uma boa-formação textual.” (MARCUSCHI, 2001, p. 223)

De acordo com Cavalcante (2012), as anáforas indiretas têm três aspectos fundamentais. O primeiro deles é uma não-vinculação com a correferencialidade; o segundo diz respeito à introdução de um novo referente e o terceiro é o *status* de referente no cotexto. Ainda assim, apesar de serem introduzidos referentes novos, eles são contruídos a partir de informações presentes no texto.

Essas informações que apoiam as anáforas indiretas são chamadas de *âncoras*; elas engatilham a referência indireta menções de outras expressões referenciais, ou a qualquer outra construção linguística do cotexto, e a inúmeras outras informações que povoam uma bagagem de conhecimentos de que participa desta enunciação. (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014, p. 23 – *grifo dos autores*)

Desse modo, as anáforas indiretas têm dependência a outros conteúdos fornecidos pelo contexto, e essa é uma das características mais relevantes. Apesar de não haver a correferencialidade com nenhuma outra entidade contextual, um referente não surge neutro, nunca, semanticamente falando. Desse modo, essas anáforas são utilizadas para que o interlocutor junte as peças do quebra cabeça dos sentidos e produza a coerência textual (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014). Temos um exemplo na figura abaixo.

Figura 8: Fanta Laranja



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/BuFA6ZznR6W>>>

Acesso: 15 de junho de 2019

Embora o objeto de discurso construído pelo logotipo do refrigerante Fanta Laranja não retome, de forma direta, ao programa *Big Brother Brasil*, a sua relação está ancorada à temática instaurada pelo discurso memético. Essa inserção do refrigerante de laranja como patrocínio oficial acontece porque, no período da postagem, o então partido de Jair Bolsonaro, o PSL, estava sendo investigado sob a suspeita de ter feito candidaturas laranjas para o desvio de dinheiro público nas eleições de 2018. O fato de Gustavo Bebianno ter sido o presidente do partido no período eleitoral gerou uma crise no governo, provocando sua exoneração do cargo de ministro. Assim, esse referente

anafórico amplia a crítica construída pelo meme, uma vez que agrega a corrupção, como “patrocínio oficial”, ao governo e a seu partido.

3.2.2 Anáfora encapsuladora e rotulação

De acordo com Conte (2003), o encapsulamento anafórico é um importante recurso coesivo, uma vez que “funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto.” (CONTE, 2003, p. 178). Em sua função coesiva, a anáfora se manifesta de duas formas: na primeira, sumariza ou rotula uma porção do cotexto precedente, reativando na memória do interlocutor informações anteriormente apresentadas; na segunda, assinala a instauração de um novo referente, sinalizando valores, contribuindo para o estabelecimento, por meio de um sentido avaliativo e uma orientação argumentativa.

Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), o encapsulamento deve ser considerado uma anáfora, porque ele se instaura no discurso não somente estando atrelado a questões cotextuais, mas também se constrói na mente dos interlocutores, enquanto resume parte do contexto junto a conhecimentos compartilhados. Desse modo, “se estamos defendendo que o referente é uma entidade representada sociocognitivamente e abstraída do contexto da enunciação [...], ao ser nomeado, e confirmado, por uma anáfora encapsuladora, ele já existia no texto.” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014, p. 80)

De acordo com os autores, esse tipo de anáfora exerce funções argumentativas relevantes para o querer dizer de cada enunciado, uma vez que os locutores “buscam o melhor modo de designar, de sintetizar parafraseando um ponto de vista (e, conseqüentemente, rebatendo outros, ditos ou não).” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014, p. 80). Dessa forma, essa estratégia textual funciona para escolher um termo mais apropriado para avaliar a um conjunto de referentes. Essa observação nos permite perceber a metadiscursividade em alguns tipos de texto, uma vez que o enunciador se volta “para o próprio dizer, numa atividade reflexiva, com a

intenção de fixar um posicionamento e de, simultaneamente, engajar o leitor, para conquistar sua adesão.” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014, p. 81).

Também estudioso sobre o assunto, Francis (2003) entende o encapsulamento anafórico como uma categorização de conteúdos de texto. Assim, os rótulos, expressões nominais que encapsulam prospectiva e retrospectivamente o discurso latente no texto e cotexto, têm papel relevante na orientação argumentativa do texto.

Acerca dessa observação de Conte, Koch (2008) salienta que

a produção de linguagem como uma *atividade interativa* altamente complexa em que a construção de sentidos se realiza, evidentemente, com base nos elementos lingüísticos selecionados pelos enunciadores e na sua forma de organização, mas que requer, por parte destes, não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes de ordem sociocognitiva, cultural, histórica, de todo o contexto, enfim, como também - e sobretudo - a sua reconstrução no momento da interação. (KOCH, 2008, p.85 – *grifos da autora*)

As considerações levantadas acerca do encapsulamento e da rotulação podem ser exemplificadas por meio da figura 9:

Figura 95: Patominions



Fonte: <<<https://www.facebook.com/patoarrendido/>>>

Acesso: 21 de janeiro de 2020

Na configuração textual do meme da figura 9, podemos observar a imagem de uma pessoa vestindo uma camisa da Seleção Brasileira de Futebol (usando um nariz de palhaço e com uma panela na mão), um trecho de uma postagem na rede social *Twitter*, e um neologismo normalmente utilizado para construir uma identificação para pessoas com um determinado posicionamento político-partidário, os *patominions*.

Nesse caso, o meme constrói uma crítica aos apoiadores do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, no ano de 2016. Contextualmente falando, fatos que marcaram o Brasil nesse período foram as manifestações em várias localidades, sendo que, segundo o documentário *Democracia em Vertigem*, a maior parte da população brasileira não sabia o que estava realmente acontecendo no Brasil¹⁵.

A linguagem verbal na qual se encontra o referente “*tudo um golpe*”, exemplifica uma rotulação retrospectiva. Verbalmente, a postagem constrói-se com o seguinte enunciado: “Eu entendo o desespero da direita: eles vestiram camisa da CBF, seguiram patos amarelos gigantes e gritaram ‘somos todos Cunha’ para supostamente combater a corrupção derrubando um governo legítimo. E agora descobrem pelo documentário q foi indicado ao Oscar q foi *tudo um golpe*.”

Nesse exemplo, a expressão nominal rotuladora “*tudo um golpe*” resume, explicitamente, informações contextuais que são representadas, no evento, pelas três sentenças: “eles vestiram camisa da CBF”, “seguiram patos amarelos gigantes” e

¹⁵ O documentário se constrói num recorte da história política brasileira, sendo desde o primeiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva, que começou em 2003, até as eleições de 2018. Segundo o vídeo, o principal motivo do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff estava ligado às maquinações políticas e à corrupção, e não a critérios legais e constitucionais como era tratado pela mídia na época. Além disso, em *Democracia em Vertigem*, é defendida uma ideia de que tal processo foi só uma maneira de demonstrar a fragilidade da democracia brasileira, além de marcar uma polarização e uma divisão social enfática, que culminou na eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro. O documentário concorreu ao Oscar 2020, como melhor documentário longa-metragem, sendo esse o fator que engatilhou seu uso como recurso argumentativo em memes e outras postagens ligadas a questões políticas. Algumas considerações acerca do documentário podem ser apreciadas nos artigos *O Processo e Democracia em Vertigem: cinema-direto e cinema - verdade sob um olhar feminino no documentário brasileiro*, de Luiza Lusvarghi e *O Brasil sem esperanças de Democracia e Vertigem*, de Ivonete Pinto.

“gritaram ‘somos todos Cunha’ para supostamente combater a corrupção derrubando um governo legítimo.”.

Para a compreensão do rótulo “tudo um golpe”, é importante que o leitor conheça as manifestações na Avenida Paulista, nas quais multidões acompanhavam um pato gigante (uma analogia à expressão “não vou pagar o pato”) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a Fiesp; uma ideia de patriotismo, por meio da qual os manifestantes iam vestidos de amarelo; os cartazes, as faixas, os adesivos, os coros entre outros gêneros para materializar o enunciado “somos todos Cunha”; a ação de “bater panelas”, que ocorreu repetidas vezes durante discursos da presidente Dilma Rousseff em rede nacional. Essas são algumas das contextualizações que permitem ao leitor alcançar a ideia defendida pelo meme, a alegação ilegalidade no *impeachment*.

A rotulação “*tudo um golpe*” demonstra-nos como a escolha lexical é de vital relevância para os processos de encapsulamentos anafóricos, bem como o papel argumentativo que pode exercer. Isso acontece, pois, mesmo “que os rótulos sejam apresentados como plataformas dadas, eles têm significados interpessoais e podem, de fato, adicionar algo novo ao argumento indicando a avaliação do escritor das proposições que eles encapsulam.” (FRANCIS, 2003, p. 211). Dessa forma, um rótulo pode funcionar como forma de avaliar os referentes que encapsula. No caso do meme em questão, a rotulação funciona para criticar, junto aos outros referentes presentes, sarcasticamente, os fatos ocorridos no Brasil, sendo o neologismo Patominions utilizado para sinalizar os indivíduos alvos da crítica.

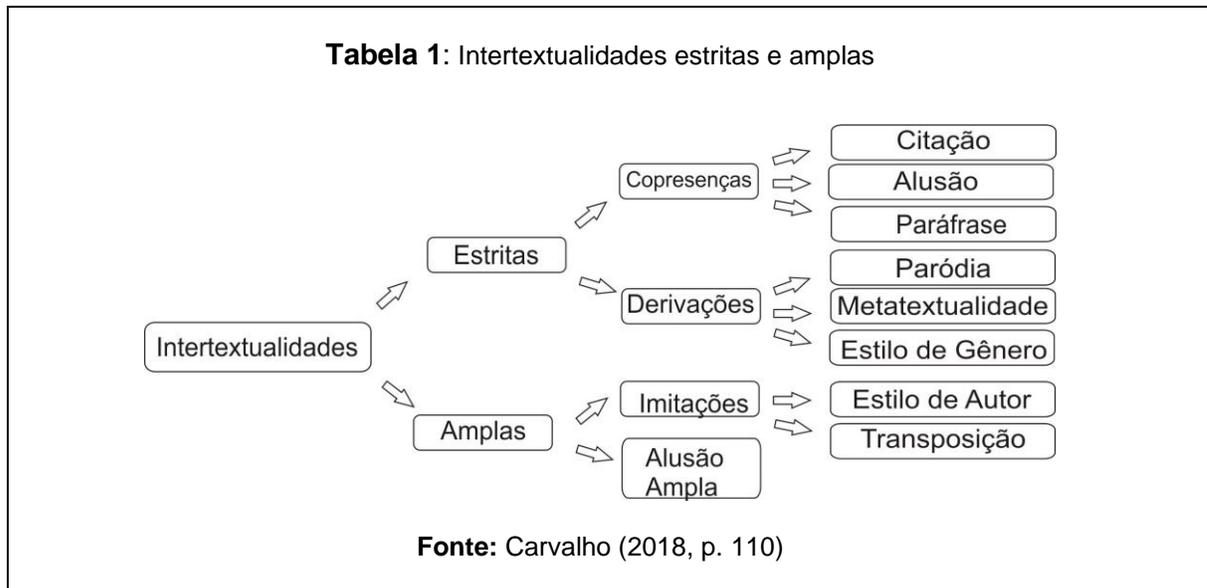
Além da referência, outra categoria de grande relevância para nossas análises é a intertextualidade, uma vez que os comentários são construídos por meio de uma relação com a postagem motivadora e/ou com comentários antecedentes. Dessa forma, marcas intertextuais são comumente presentes e, por esses motivos, serão discutidas na próxima seção.

3.3 Intertextualidades amplas e estritas

Para a noção de intertextualidade, nos apoiaremos em Carvalho (2018). Em sua pesquisa, a estudiosa voltou-se para um redimensionamento das categorias da intertextualidade, sob a luz da LT.

Carvalho propõe uma reflexão teórica acerca do fenômeno das transtextualidades, descrito por Genette, dividindo-as em dois grandes grupos: i) a intertextualidade estrita, caracterizada pela copresença ou transformação/derivação de um texto; ii) a intertextualidade ampla, constituída por alusões menos perceptíveis a um conjunto de textos.

No que diz respeito a intertextualidade estrita, a copresença consiste na inserção efetiva de um texto em outro, enquanto a derivação é compreendida como a alteração de algum texto, de modo que algum aspecto seja modificado (forma, estilo ou conteúdo). Ainda assim, nessas categorias o texto-fonte deve ser reconhecido. Na intertextualidade ampla, a imitação consiste em indícios alusivos à forma padrão de um gênero ou ao estilo de um autor, sendo perceptíveis um conjunto de textos, enquanto a alusão ampla refere-se “não a um texto específico, mas a um conjunto de textos, ou a uma situação partilhada coletivamente em uma dada cultura, manifestável por textos diversos.” (CARVALHO, 2018, p. 107). Nesses casos, os textos-fonte não são reconhecidos com tanta facilidade. Contudo, algumas categorias intertextuais ainda recebem algumas subdivisões, como podemos constatar na tabela 1.

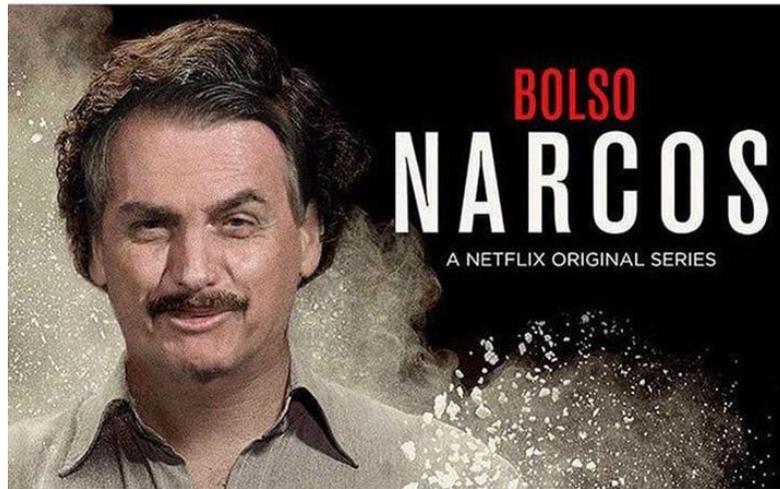


Ainda sobre as intertextualidades estritas, Carvalho (2018) as entende como fenômenos verificáveis por meio de vários recursos semióticos, podendo, por esse motivo, serem empreendimentos intertextuais construídos por um vasto conjunto de modalidades, exigindo maior atenção. Além disso, essa característica dificulta que concepções intertextuais construídas para serem aplicadas a textos literários possam analisar alguns gêneros multimodais de forma satisfatória. Ademais, nesses estudos, outro ponto relevante foi um redimensionamento, por meio do qual a metatextualidade passa a ser compreendida como intertextualidade estrita.

Segundo a estudiosa, a metatextualidade é um subtipo de derivação, partindo de uma relação estabelecida entre textos. Dessa maneira, um texto brota de outro, tendo como objetivo comentar, criticar ou avaliá-lo. Nessa ampliação, Carvalho afirma que elementos como prefácios e posfácios, são exemplos de metatextualidade, uma vez que têm a função comentar outro texto com uma certa autonomia, o que permite a materialização em outros gêneros. Mais exemplos para esse tipo de derivação são os comentários, frutos de postagens das redes sociais, uma vez que eles seguem, de alguma forma, à temática instaurada.

Desse modo, é possível verificar que cada evento usufrui da intertextualidade de uma maneira para a construção de seu sentido, podendo isso acontecer em diferentes graus. Um exemplo de como recursos intertextuais podem ser utilizados como recurso argumentativo pode ser visualizado na figura abaixo.

Figura 60: Cocaína na Espanha



Fonte: <<<https://bit.ly/32pdOJn>>>
Acesso: 16 de junho de 2019

A figura 10 é construída por meio de paródia, uma alusão estrita a um dos pôsteres de Narcos, um seriado no qual o ator Wagner Moura faz o papel de um narcotraficante colombiano. O meme foi para o mundo virtual depois que o sargento Manoel Silva Rodrigues, da Força Aérea Brasileira e integrante de uma comitiva oficial do presidente Jair Bolsonaro, foi preso no aeroporto de Sevilha, no dia 26 de junho de 2019. Foram encontrados na bagagem do militar, passageiro na comitiva que seguia rumo ao Japão, 39 quilos de cocaína. Esse acontecimento teve grande repercussão mundial e engatilhou o humor na comunicação por meio de memes.

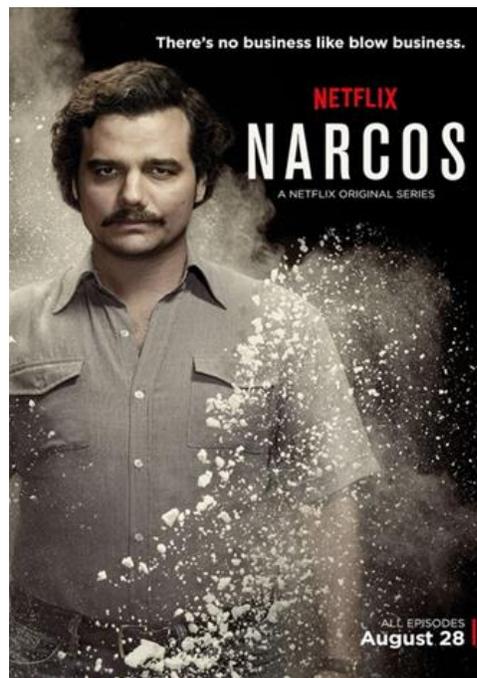
Respaldados em Carvalho (2018), podemos afirmar que o meme acima é construído por meio de uma alusão estrita, pois

ocorre, pela alusão, um jogo com a possibilidade de fazer ressoar outros dizeres, de fazer suscitar a música de outra voz. Menos marcada e menos literal, exige maior percepção do leitor para que se dê a (re)construção do sentido planejado. [...] pode se realizar por remissão indireta, incorporando-se

sutilmente; apresentar modificações formais no texto a que recorre; realizar-se por expressões referenciais ou, ainda, mencionar título, personagens, nome de autor etc. Em termos práticos, a alusão favorece modificações formais no texto a que recorre, transformando-o para finalidades diversas, especialmente humorísticas ou crítico-apreciativas [...]. Importa, ainda, acrescentar, que o texto aludido será mais facilmente reconhecido se for mais clássico ou conhecido. (CARVALHO, 2018, p.86)

Dessa forma, a partir das apreciações da autora, fica mais perceptível a importância dos elementos verbais e imagéticas constituintes do meme, como a cor, a fonte e o *layout* semelhantes ao pôster original serem mantidos. Além disso, apesar de a face ter sido alterada (a de Wagner Moura trocada pela de Jair Bolsonaro), algumas marcas faciais, a roupa, o cabelo e o ângulo de visão são mantidos. Tudo isso, acrescentado de um riso sarcástico do presidente, acontece para que a remixagem possa ser percebida. Podemos confirmar esses apontamentos pelo texto-fonte, presente na figura 11:

Figura 7: Seriado Narcos



Fonte: <<<https://bit.ly/32pve8C>>>
Acesso: 16 de junho de 2019

Por meio desse exemplo, percebemos que reconhecer o texto-fonte ajuda na construção de sentido, podendo ser vital para marcar o posicionamento em alguns gêneros. (CARVALHO, 2018). Além disso, as figuras 10 e 11 também comprovam de que forma as marcas intertextuais, no caso do gênero meme, podem ser utilizadas para construir a violência verbal, dentro de um viés argumentativo. Ao associar o presidente ao traficante de Narcos, o meme humoristicamente desqualifica-o quanto à sua capacidade/responsabilidade de exercer sua função.

Os levantamentos acerca de texto e contexto, junto a questões relativas às categorias referencial e intertextual, são de grande relevância quando pensamos em postagens e em seus comentários em redes sociais. Desse modo, no próximo capítulo, buscaremos demonstrar, em nossas análises, de que maneira essas duas categorias textuais atuam na instauração da violência verbal como uma estratégia argumentativa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, ANÁLISE DO *CORPUS* E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo é formado por duas seções. Na primeira, explicitamos procedimentos metodológicos adotados na constituição do *corpus*. Na segunda, procedemos à análise dos comentários, com o intuito de verificar o papel da referenciação e da intertextualidade na instauração e manutenção da violência verbal.

4.1 Seleção do *corpus*

Visto que nossa pesquisa é qualitativa, optamos por analisar 20 postagens reativas, acreditando ser um número suficiente para alcançarmos nossos objetivos. Por conseguinte, os comentários analisados são respostas a quatro postagens motivadoras construídas por memes, sendo elas realizadas em uma das páginas do coletivo Mídia NINJA. O assunto tratado nessas postagens tem relação com o presidente Jair Messias Bolsonaro.

A escolha do assunto abordado pelas postagens aconteceu por dois motivos. O primeiro diz respeito à presença marcante da violência verbal em postagens e comentários nas redes sociais durante as eleições presidenciais de 2018, na qual Jair Messias Bolsonaro foi eleito. Essa presença demonstra, linguisticamente, que a violência verbal merece uma atenção ainda maior, como é salientado por estudiosas como Amossy (2017), Cabral e Lima (2017) e Cabral (2019). O segundo concerne a nossos posicionamentos social, político e ideológico, que são semelhantes a boa parte daqueles defendidos pelo coletivo Mídia NINJA. Dessa forma, acreditamos que a utilização das postagens do grupo como objeto de estudo pode funcionar como uma forma de divulgar e compartilhar o trabalho.

Em sua campanha para presidente, o deputado Jair Bolsonaro apoiou-se na promessa de resolver os principais problemas políticos existentes no Brasil. Logo, com o objetivo de ser eleito, o candidato surge mobilizando elementos de religiosidade e de

patriotismo, almejando criar a imagem de um chefe político que melhoraria o país, a partir de uma reforma moral.

Todavia, em outro lado de sua campanha e de sua vida política, Bolsonaro carrega consigo um conjunto de discursos preconceituosos e racistas, além de apoios a questões violentas, como a ditadura militar brasileira e o uso de armas de fogo para solucionar muitos dos problemas sociais. Todos esses acontecimentos intensificaram as discussões políticas iniciadas anos anteriores, fazendo com que as eleições para presidente de 2018 se tornassem disputas bélicas, deixando ainda mais perceptíveis marcas de divisão política da sociedade. Em reflexo, as interações existentes em redes sociais ficaram ainda mais marcadas pela violência verbal.

Dentro de várias possibilidades para o *corpus* de nossa pesquisa, optamos por postagens de memes que dizem respeito a um possível envolvimento da família do presidente com esquemas de desvio de salários de assessores políticos, um crime que, coloquialmente, é conhecida como ‘rachadinha’.

Entre 2016 e 2017, a conta de Fabrício Queiroz, então assessor do deputado Flávio Bolsonaro, recebeu depósitos e fez saques que totalizaram R\$ 1,2 milhão. Essa movimentação financeira fez com que o ex-assessor fosse investigado pelo Ministério Público sob a suspeita de ter sido utilizado pela família Bolsonaro como laranja. Tal fato repercutiu na mídia nacional, não somente pelas suspeitas de corrupção, mas principalmente pelo envolvimento da família do presidente. Esse acontecimento, junto a outras investigações envolvendo políticos do mesmo partido de Jair Bolsonaro, serviu de argumento para a oposição política torná-lo alvo de duras críticas.

Dessa forma, o caso Queiroz, como é chamada a investigação, serviu de gatilho para produção e compartilhamento de diversos memes, viralizados em diversas redes sociais. A partir desse ponto, escolhemos, como temática para nosso *corpus*, postagens de memes que tivessem em sua constituição uma recategorização, verbal ou imagética, do referente laranja, estando ele se referindo a esse contexto.

Logo, nos memes escolhidos, a laranja representa, de forma situada, uma crítica à família Bolsonaro e/ou a seus apoiadores políticos. Nas postagens selecionadas, optamos por analisar, cronologicamente, os cinco primeiros comentários, nos quais a violência verbal, textualmente construída, estivesse presente.

Em consonância com os objetivos deste trabalho, foi analisado apenas o conteúdo verbal constituinte das postagens reativas. Elementos imagéticos digitais, tais como emojis, não são foco de nossas análises, ainda que saibamos terem papel relevante na orientação argumentativa do texto.

Não podemos desconsiderar que laranjas, presentes imageticamente nos memes constituintes do *corpus*, foram elementos de seleção, além de engatilharem alguns dos comentários analisados. Isso acontece, pois, em redes sociais, postagens motivadoras e postagens reativas são textos que, mesmo construídos por diferentes atores sociais, são textos conglomerados que emergem em conformidade com a temática da postagem inicial. (CAPISTRANO JÚNIOR e ELIAS, 2018). Por esse motivo, acreditamos necessário, para discutir o papel argumentativo da violência verbal, o entendimento de questões contextuais que motivaram a postagem motivadora, bem como a ideia defendida pela mesma. Dessa forma, nos primeiros momentos das análises, foram feitos levantamentos de questões co(n)textuais para a compreensão do posicionamento argumentativo marcado pela postagem motivadora. Após esse passo, verificamos de que forma os processos referencial e intertextual, levantados em nossa fundamentação teórica, são evocados para seguir (ou não) a ideia defendida.

Por último, não podemos deixar de relatar que, por questões éticas, as identidades dos usuários envolvidos no material de análise não foram divulgadas, tendo sido criadas siglas aleatórias para nomeá-los. Visto que o objetivo de nossa pesquisa tem como foco o papel argumentativo da violência verbal e o tecido textual responsável para sua construção, a identificação de quem interage com esses comentários não é um fator de grande relevância.

4.2 Postagens e seus comentários

4.2.1 50 tons de laranja

A postagem que engatilha os comentários analisados foi realizada no dia 23 de janeiro, estando ela presente na figura 12.

Figura 82: 50 tons de laranja



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/Bs-n7hdH9j5/>>>

Acesso: 25 de junho de 2019

Contextualização: semanas antes dessa postagem, integrantes da família Bolsonaro foram citados em investigações sobre movimentações financeiras do então assessor Fabrício Queiroz, acontecimento que foi narrado em diversos domínios discursivos. Dessa forma, o meme presente na figura 12 foi construído a partir da remixagem de uma foto contendo Jair Bolsonaro e seus três filhos mais velhos (da esquerda para a direita: Flávio, Jair, Eduardo e Carlos), como pode ser visualizada na figura abaixo.

Figura 13: Família Bolsonaro

Fonte: <<<https://bit.ly/37XzuOY>>>
Acesso: 15 de janeiro de 2020

O que nos chama a atenção no meme construído a partir da foto acima, são os referentes imagéticos constituintes presentes nos ternos dos filhos, pois os mesmos estão, conotativamente, construídos com estampas de laranjas. Já o terno do pai é construído pela cor laranja, imitando vestuário de alguns presidiários¹⁶. Os levantamentos teóricos realizados no decorrer da pesquisa nos permitem afirmar que a reconstrução do vestuário elabora referentes para orientarem o leitor, sociocognitivamente situado, no que diz respeito às investigações do Caso Queiroz e sua ilegalidade. Dessa forma, o posicionamento argumentativo dos atores sociais que compartilham esse meme demonstra-se contrária à família Bolsonaro e seus apoiadores.

Dentro do contexto discursivo instaurado, os referentes imagéticos que representam laranjas (fruta e cor), acabam ganhando o sentido metafórico de corrupção. Isso acontece pois, segundo Cavalcante e Brito (2016), mesmo quando referentes não

¹⁶ Ainda que a roupa de presidiários brasileiros não seja, normalmente, laranja, essa é a cor da roupa carcerária em boa parte dos filmes e dos seriados estrangeiros. Esse fator acaba tornando a relação entre essa cor e presidiários situada.

foram designados no cotexto, eles podem estar acessíveis no mundo do discurso, visto que vão aos poucos se estabilizando e se desestabilizando, em um jogo de coconstrução.

Além desses fatores contextuais, que dizem respeito ao meme da postagem motivadora, devemos considerar sua descrição, construída por meio de uma relação intertextual de paráfrase¹⁷. Essa categoria é instaurada pelo sintagma “50 tons de laranja”, tendo o mesmo, como texto-fonte, o título do livro (e do filme) “50 tons de cinza”, obra da autora inglesa Erika Leonard James.

A utilização de “50 tons de laranja” tem um importante papel importante na construção do humor crítico na postagem, uma vez que o livro foi muito criticado¹⁸, principalmente, pelo fato de suas narrativas estarem, em muitos momentos, apoiadas em questões eróticas e sexuais, satirizando “a família tradicional”. Além disso, a palavra *tom*, recategorizada, passa a significar várias maneiras de se fazer algo, e não tonalidades, como é o seu sentido linear. Esse novo sentido une-se ao objeto de discurso laranja, e a semiose construída por esses referentes funciona para apoiar a temática proposta pelo meme. É esse posicionamento defendido que engatilha os comentários, como veremos na figura 14.

¹⁷ De acordo com Carvalho (2018), a paráfrase é o resultado da reformulação de um texto com base em outro, sendo que, para isso, é construído por meio de pequenas partes do texto-fonte. Nesses casos, o reconhecimento do original é necessário.

¹⁸ Exemplos dessas discussões podem ser visualizadas no site https://www.huffpostbrasil.com/jenny-trout/50-tons-de-cinza-e-a-critica-antifeminista_a_21677482/

Figura 14: Comentário 1



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/Bs-n7hdH9j5/>>>

Acesso: 25 de junho de 2019

O objeto de discurso “Salve laranjada”, presente na primeira postagem reativa, se constrói por meio de uma rotulação, seguindo a ideia instaurada pela postagem motivadora. Isso acontece porque o referente é utilizado para categorizar um determinado grupo, a partir de algo apresentado pelo co(n)texto. Contudo, além desse rótulo, devemos considerar que essa postagem se materializa por meio de duas modalidades (verbal e imagética), tendo a modalidade verbal duas classes gramaticais, a interjeição e o substantivo.

Interjeições são classes gramaticais que exprimem sensações e emoções, ou simplesmente funcionam como a materialização de um ruído. Elas estão muito presentes em gêneros como histórias em quadrinhos e charges, nos quais há uma necessidade maior de se representar marcas de oralidade ou sons. No caso do comentário de A.C., “salve”, em um primeiro momento, produz a ideia de saudação,

contudo, sob um olhar mais apurado na interação discursiva, podemos observar esse referente como materialização da violência verbal.

Salve, segundo o dicionário Michaelis¹⁹ (2010), é uma interjeição que significa uma saudação. Normalmente, essa palavra é atrelada a pessoas de respeito ou consideradas como importantes para um determinado grupo e/ou esfera social. Contudo, ao ser construído de forma imbricada ao substantivo laranjada, essa interjeição, numa recategorização, trabalha para a construção de uma ironia, podendo ela ser, com mais facilidade, compreendida por atores sociais situados com a temática da postagem motivadora.

Desse modo, por meio das marcas discursivas, o comentário poderia ser compreendido como: “Salve, salve! São muitas as laranjadas nessa família. Ela é boa nisso!”. A utilização dessa interjeição seria, de certa forma, no momento interacional, uma confirmação de que a família é corrupta, funcionando para marcar uma ‘credibilidade’ irônica.

Acerca do substantivo laranjada, ainda que ele possa ter, em sua linearidade, três cargas semânticas (a ação de jogar uma laranja, um tipo de suco da fruta ou uma grande quantidade de laranja), na situação comunicativa, ele passa por uma recategorização. Laranjada passa a significar, por meio de uma encapsulação, um grupo de pessoas envolvidas em atos ilícitos, rotulando os envolvidos como ladrões, tendo seu sentido construído em uma semiose com a interjeição presente no sintagma “Salve laranjada”.

A partir dessas observações acerca do comentário de A.C., podemos afirmar que os referentes constituintes foram convocados para materializar a violência verbal, insultando a família e, ironicamente, afirmando que ela é muito ágil no que faz. Assim, a modalidade verbal, ilustrada pela não-verbal presente ao final, constrói um discurso

¹⁹ <http://michaelis.uol.com.br/>

que concorda com a postagem motivadora, dando continuidade ao sentido que o léxico laranja (assim como seus derivados) têm em sua recategorização constituinte de nosso *corpus*.

Os quatro próximos comentários da postagem constroem seus discursos por meio de representações de riso, sendo que, somente o segundo e o quinto materializam-se verbalmente, como podemos visualizar na figura 15.

Figura 15: Comentário 2



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/Bs-n7hdH9j5/>>>

Acesso: 25 de junho de 2019

Para a construção das postagens reativas acima, os atores sociais utilizaram dois símbolos indicadores de marcas prosódicas que são frequentes no mundo digital: “KKKKKK” e “Hahahahahaha”. Partindo de Carvalho (2018), quem salienta que postagens reativas são construídas por meio de relações intertextuais, acreditamos que esses símbolos são convocados em prol da sequência argumentativa proposta pela postagem motivadora.

Além disso, não se pode deixar de fora questões interacionais, já que são muitas as possibilidades de construções textuais na atualidade, estando elas “ampliadas certamente pelas tecnologias digitais, o que, se, de um lado, permite muitas formas de interação, de outro, torna a compreensão do fenômeno textual mais complexa pela multiplicidade de possibilidades discursivas que se nos apresentam”. (CABRAL, 2019, p. 419). Dessa forma, indicações de marcas prosódicas, como nessas suas postagens, devem ser analisadas com atenção.

Nessa perspectiva, podemos relatar que, devido à interação, esses dois comentários podem representar mais do que um único riso. Ao invés de, simplesmente, terem achado o meme engraçado, os atores sociais podem ter utilizado as postagens para evocar a violência verbal, tendo como intuito de satirizar a situação narrada. O riso seria, portanto, uma forma de criticar os políticos presentes na foto e o eleitorado que os apoiam. Acreditamos nisso, porque, segundo Cabral (2019), pessoas conectadas às redes sociais têm o intuito de construir identidades e marcar posicionamentos.

Ademais, as observações levantadas a partir dessas duas postagens nos permitem observar de que maneira a função argumentativa pode ser construída em um contexto discursivo. Além disso, atentando-se para questões interacionais e dinâmicas que gêneros como são postagens e seus comentários em redes sociais, não podemos deixar de considerar que as produções textuais não acontecem de formas isoladas e desconectadas, e sim numa relação metatextual.

Novos apontamentos acerca da violência verbal e de seu uso como estratégia argumentativa estão presentes no próximo comentário: 432%. Nesse caso, ele é construído por meio de uma anáfora indireta.

Figura 16: Comentário 3



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/Bs-n7hdH9j5/>>>

Acesso: 25 de junho de 2019

Essa postagem reativa tem seu objeto de discurso representado por uma porcentagem: “432%”. Esse percentual é ótimo para exemplificar as ponderações de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), pois, os autores relatam que referentes são construídos de acordo com cada situação de interação. Essa similaridade apoia-se no fato de que esse objeto de discurso pode ficar incompreensível para indivíduos que não tenham conhecimento sobre o assunto no qual ele é ancorado; todavia, o ambiente interacional no qual ele está sendo convocado constrói pistas que o relacionam à família Bolsonaro e à corrupção que, mesmo hipoteticamente, a ela está sendo atrelada. Contudo, para a construção de sua violência verbal, a postagem 432% constrói-se em uma relação a outros textos. Para a compreensão dessa marca intertextual, é importante relatarmos o contexto no qual ela se constrói.

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) exige que todos os candidatos a algum cargo político, antes do período eleitoral, declarem seus bens numa data estipulada. Para as eleições de 2014, os bens declarados por Eduardo Bolsonaro foram avaliados em R\$

205 mil; quatro anos depois, em outra declaração para as eleições de 2018, foram avaliados em R\$ 1,395 milhão. Ou seja, num espaço de tempo de apenas quatro anos, Eduardo teve um aumento de 432% no valor de seus bens²⁰.

O grande aumento patrimonial em um curto período proporcionou várias discussões em redes sociais, bem como acusações de ilicitudes. Com isso, por meio de compartilhamentos em várias páginas de redes, a oposição política a Jair Bolsonaro e sua família lançou uma campanha virtual no *Twitter*: “Digite 432% no Google”. Ela seria uma forma de compartilhar à população que os bens materiais da família teriam aumentada de forma exagerada, e de que isso poderia ser considerado como algo ‘estranho’. A figura 17 é um exemplo dessas postagens.

Figura 17: Digite 432%



Fonte: << <https://twitter.com/brasil247/status/1047181009865912320?lang=en>>>

Acesso: 15 de janeiro de 2020

²⁰ <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/20/filho-de-bolsonaro-aumenta-patrimonio-em-432-em-4-anos.htm>

Dessa forma, para a construção de sua postagem reativa, M.R. evoca um referente que traz à tona a campanha contra Eduardo Bolsonaro. Com isso, sua postagem demonstra uma relação intertextual construída por outras vozes, que são possíveis ser identificadas pelo co(n)texto. Assim, ao inserir seu referente, o ator social, indiretamente, marca seu posicionamento.

Ainda sobre esse referente, outra questão importante diz respeito ao cotexto. A interação construída pelos discursos e pelos atores sociais participantes desse momento discursivo permite àqueles atores sociais não conhecedores da campanha a possibilidade de conhecê-la. Isso acontece porque uma porcentagem, inicialmente incoerente, pode gerar inferências que instigarão os participantes a pesquisarem e chegarem ao resultado final. Desse modo, o objeto de discurso é uma forma de inserir a campanha por meio de uma postagem reativa.

Essas marcas textuais e discursivas que levantamos são capazes de demonstrar que utilizar referentes para a construção de discursos como o exemplo pode ser utilizado como um recurso para “estabelecer a articulação entre vozes, necessária ao seu projeto de dizer.” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014, p. 124). O próximo comentário é o D.C., presente na figura 18.

Figura 18: Comentário 4



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/Bs-n7hdH9j5/>>>

Acesso: 25 de junho de 2019

Essa postagem constrói sua violência verbal contra a família Bolsonaro por meio de âncoras textuais e sociocognitivas. Tal posicionamento se materializa por meio do rótulo: “Brasil *Comedy* 2019”. Por meio desse objeto de discurso, é construída uma situação comunicativa interacional, em uma suposição de que o país está passando pela comédia brasileira do ano de 2019. Esse tipo de violência verbal elabora-se, segundo Amossy (2017), como um elemento discursivo, tendo como objetivo a construção de marcas irônicas ou parodísticas, tornando o outro e tudo a ele atribuído como ridículo. Assim, ao falar que o Brasil passa por uma comédia, cria-se uma ideia de inferioridade, de desorganização, culpabilizando o governo e seus apoiadores, os alvos das postagens. Todavia, além desses fatores co(n)textuais e interacionais, esse discurso também é ancorado em relações intertextuais, sendo elas relevantes para se compreender a crítica.

O referente “Brasil Comedy 2019” tem sua construção sintagmática recorrente à nomenclatura do gênero *stand-up Comedy*²¹, um espetáculo de humor no qual apenas um comediante se apresenta, normalmente em pé e sem acessórios, de frente ao público. O gênero é presente na realidade do mundo virtual, fato que facilita seu reconhecimento para os atores sociais participantes do momento comunicativo construído pela postagem. Tais ponderações nos fazem refletir que o referente é convocado por meio de um *pastiche*, uma vez que essa categoria intertextual consiste em imitar traços estilísticos ou pertencentes a um determinado gênero, respeitando seu formato ou sua estrutura. Nessa categoria, o reconhecimento do estilo e/ou gênero original é um traço fundamental, uma vez que o sentido proposto pelos discursos que a utilizam é ancorado nele. (CARVALHO, 2018).

A partir de Carvalho, fica mais fácil a compreensão da violência instaurada pelo rótulo “Brasil Comedy 2019”, pois o mesmo constrói uma ideia de que acontecimentos políticos da atualidade não podem ser compreendidos com seriedade. Atribuir essa ideia a políticos, em especial ao presidente de uma República, pode ser considerado como atribuir a ele uma incapacidade e/ou uma irresponsabilidade. Assim, tratando-se de um indivíduo com um cargo tão importante, eleito democraticamente, esse comentário pode ser considerado como uma ofensa.

Para facilitar a percepção de como as categorias referenciais são utilizadas como recurso estratégico para instauração da violência verbal nas postagens, construímos uma tabela. Nela, estão presentes os processos referenciais e marcas intertextuais utilizados em cada postagem reativa, assim como eles são relevantes para a instauração da violência verbal para defender pontos de vista.

²¹ <http://www.standupcomedy.com.br/>

Tabela 2: 50 tons de laranja

Postagem 01: 50 tons de laranja			
Comentários analisados		Referenciação	Violência Verbal
Primeiro	Salve laranjada	Encapsulamento/ Rotulação	Violência verbal construída por meio da ridicularização do alvo da postagem motivadora
Segundo	Kkkkkk	Símbolos indicadores de marcas prosódicas	Violência verbal por marcas emocionais e enfáticas, construídas no plano prosódico.
Terceiro	Hahahahhahaha	Símbolos indicadores de marcas prosódicas	Violência verbal por marcas emocionais e enfáticas, construídas no plano prosódico.
Quarto	432%	Anáfora Indireta	A violência verbal construída por meio de insultos, inferenciais ao alvo da postagem motivadora.
Quinto	Brasil Comedy 2019	Rotulação	Violência verbal construída por meio da ridicularização do alvo da postagem motivadora.

4.2.2 O Big Bozo Brasil

A postagem que engatilha os próximos comentários analisadas foi realizada no dia 20 de fevereiro de 2019, estando ela presente na figura 19.

Figura 19: Big Bozo Brasil



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/BuFA6ZznR6W/>>>

Acesso: 25 de junho de 2019

Contextualização: o meme presente nessa figura já foi utilizado como exemplo em nossa pesquisa, na seção sobre processos referenciais. Sua postagem no coletivo Mídia NINJA aconteceu pouco tempo depois de, pela primeira vez, um dos ministros do governo Bolsonaro ter deixado o cargo.

Os comentários presentes nessa postagem têm, resumidamente falando, o sarcasmo como eixo, sendo a partir desse recurso discursivo que se constrói uma discussão sobre quem será o próximo ministro a deixar o cargo. Dessa forma, o humor da postagem motivadora e das postagens reativas constroem-se por meio de uma relação intertextual existente entre o meme da postagem motivadora e um anúncio publicitário do programa de tv *Big Brother* Brasil, como pode ser observado na próxima figura.

Figura 20: Big Brother Brasil



Fonte: <<<https://glo.bo/2ODzOKI>>>
Acesso: 15 de junho de 2019

Os fatores que foram descritos já nos possibilitam interpretar uma desqualificação do presidente e dos ministros escolhidos para seu governo, uma vez que - comparando ao *Big Brother* Brasil – serão eliminados. Essa certeza de ‘eliminação’ já pode ser compreendida como uma forma de julgá-los como incapazes de exercer suas funções. Com isso, temos mais um exemplo da violência verbal, como um ataque ao oponente por meio da desqualificação, como ressalta Amossy (2017). Além das relações intertextuais responsáveis pelo humor, não podemos desconsiderar a descrição da postagem: “Quem será o próximo?”

O enunciado presente nessa descrição segue o posicionamento defendido pelo discurso memético. Essa relação de sentido é construída pelos referentes utilizados, pois eles “completam um percurso no texto que vai desde os modos como o locutor escolhe introduzi-los até as diferentes maneiras [...] pelas quais vai orientando o interlocutor sobre como espera que ele os interprete” (CAVALCANTE e BRITO, 2016, p. 127). Essas observações fazem ainda mais sentido quando aplicadas a textos coconstruídos como postagens de redes sociais, como é o nosso exemplo.

Existem mais referentes na descrição para reforçar o posicionamento argumentativo da postagem motivadora. Esses referentes são construídos pelas *hashtags*²² presentes logo abaixo da pergunta inicial: #FogoNoParquinho, #BigBozoBrasil, #DesignAtivista.

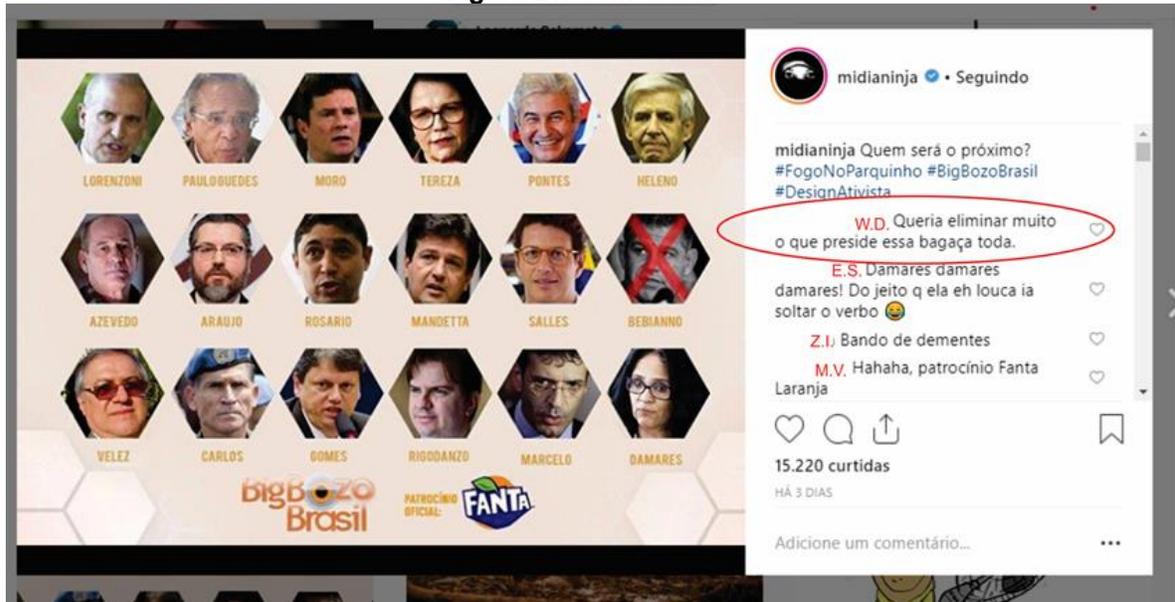
Junto às possibilidades de interpretação construídas pelos referentes salientadas até o momento, temos outra de grande relevância no contexto do meme. Em um referente imagético construído pela imagem de Gustavo Bebianno, o Secretário-Geral que foi exonerado, temos dois traços formando um X, representando assim, metaforicamente, a sua eliminação.

Esse objeto de discurso deixa pistas que, junto à pergunta da descrição e à relação intertextual com o programa de tv, permitem alcançar a o posicionamento defendido pelo humor do meme. Ademais, esse último referente citado também constrói âncoras que facilitam o entendimento da ideia de eliminação, caso o ator social não tenha conhecimentos sociocognitivos acerca do programa de tv aludido pelo meme.

Ainda que a mensagem motivadora não tenha uma descrição direta assinalando o que os referentes verbais e imagéticos representam, a organização textual e suas inferências, junto à carga sociocognitiva do leitor, podem proporcionar essa compreensão. Além disso, há várias pistas de que a postagem está referindo-se ao governo de Jair Bolsonaro: o objeto de discurso construído pelo slogan do refrigerante Fanta, o qual, metaforicamente, tem sua significação socialmente situada depois dos envolvimento de companheiros partidários do presidente a casos semelhantes ao de sua família; o gênero discursivo no qual ele está presente e as imagens dos primeiros ministros do governo. Todos esses fatores são de relevância para que possamos analisar o primeiro comentário: “Queria eliminar muito o que preside essa bagaça toda”, presente na figura 21.

²² As *hashtags* são palavras-chaves presentes em postagens. Além de funcionarem como mensagens que podem ser simplesmente decodificadas, também são *hiperlinks* que encaminham os internautas para outras páginas.

Figura 21: Comentário 5



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/BuFA6ZznR6W/>>>

Acesso: 25 de junho de 2019

Na postagem reativa “Queria eliminar muito o que preside essa bagaça toda” temos dois sintagmas que evocam diferentes categorias referenciais. O primeiro é “o que preside”, uma anáfora indireta, enquanto o segundo, “essa bagaça toda”, é uma rotulação, estando ambos ancorados em questões co(n)textuais. Por esse motivo, ao utilizar “o que preside” e “essa bagaça toda”, o ator social responsável pelo comentário já demonstra sua insatisfação com o governo, ficando fácil a compreensão de que o primeiro objeto de discurso representa Jair Bolsonaro, enquanto o segundo, os ministros de seu governo.

Dentro da realidade discursiva instaurada pela postagem motivadora, a violência verbal dessa primeira postagem reativa é marcada por meio do léxico *bagaça*. Esse substantivo representa a parte que sobra de uma laranja, aquela que, normalmente, não tem utilidade alguma; essa palavra, conotativamente falando, pode passar por uma adjetivação, ganhando um sentido pejorativo.

O comentário pode ser compreendido, no momento interacional, como uma resposta à pergunta presente na descrição, indicando que o próximo a ser eliminado é o

presidente. Ao fazer isso, o ator social responsável pelo comentário busca desqualificar todos os ministros por meio do léxico *bagaça*. Esse sentido é fortalecido pela alusão ao programa de tv *Big Brother* Brasil, que tem a eliminação como traço constituinte.

Contextualizando o Brasil histórica e politicamente no momento da postagem, podemos afirmar que W.D. usou tal termo com um propósito argumentativo, concordando com a mensagem inicial. Sobre isso, não podemos esquecer que a construção de referentes é uma atividade partilhada e intersubjetiva. Ou seja, o ator social, ao construir seu discurso, busca versões que serão aceitas pelos participantes presentes, sendo que esse fator demonstra a atividade referencial como uma ação social (CAVALCANTE, CCUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014). Essas considerações, junto ao fato de que o termo *bagaça* tem seu sentido, denotativamente falando, associado à fruta laranja, fazem compreender por qual motivo a escolha desse referente é condizente ao momento discursivo.

O comentário da figura 22 é de E.S, e também fortalece a visão pejorativa associada aos ministros: “Damares damares damares! Do jeito q ela eh louca, ia soltar o verbo ”. Mais uma vez, a postagem reativa é instaurada como resposta à pergunta presente na descrição (“Quem será o próximo?”). Contudo, para a compreensão desse comentário, é importante conhecimentos acerca da ministra Damares Alves, responsável pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

Figura 22: Comentário 6



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/BuFA6ZznR6W/>>>

Acesso: 25 de junho de 2019

No período em que a postagem motivadora foi realizada, ocorreram vários acontecimentos midiáticos envolvendo Damares. Exemplos foram as afirmações por meio das quais ela alegou que meninos deveriam, obrigatoriamente, vestir roupas azuis, assim como meninas roupas rosas, ou ainda que havia visualizado Jesus Cristo em cima de uma goiabeira. Essas e outras declarações geraram momentos delicados que também funcionaram como gatilhos para a criação e para a viralização de memes²³, além de discussões em redes sociais. Acreditamos que esses acontecimentos possam ter sido a justificativa para a escolha do nome de Damares na postagem reativa.

Para analisar esse comentário, é importante ressaltar que a violência verbal pode se representar de diferentes maneiras. Algumas vezes, acontece como resposta a outra agressividade, dando continuidade ou rebatendo a ideia defendida. Manifestações como essa podem ser representadas “no plano lexical ou nas exclamações, nas

²³ <https://www.humorpolitico.com.br/tag/meme-damares-alves/>

repetições fáticas, no ritmo” (AMOSSY, 2017, p. 171). Tais apontamentos de Amossy, junto às questões contextuais referentes à ministra, levam a compreender que a reiteração, presente no primeiro sintagma do comentário, tem o papel discursivo de representar a certeza do ator social de que Damares será a próxima eliminada. Todas essas ressalvas são confirmadas pela predicação que vem, sequencialmente, na postagem reativa: “eh louca”, uma ofensa direta. Nesse caso, um referente instaurado por meio de uma rotulação, atribui uma ideia pejorativa à ministra.

Além disso, a perspectiva do ator social de que Damares, caso fosse excluída, iria “soltar o verbo”, também está ancorada ao contexto descrito por nós, servindo como prova de que a personalidade da ministra foi o motivo de sua escolha como próxima na eliminação. Respaldamos nossa afirmação pois “soltar o verbo” é uma expressão informal, que quer dizer falar tudo que se tem vontade, sem se preocupar com a opinião alheia ou com o impacto social.

Podemos, por meio dos referentes integrantes da postagem reativa “Damares damares damares! Do jeito q ela eh louca, ia soltar o verbo”, exemplificar mais uma ponderação de Amossy (2007), aquela que diz respeito à violência verbal utilizada com a função de intensificar marcas discursivas. Logo, por meio da violência utilizada, a ministra Damares é ridicularizada, o que vai desqualificar sua imagem enquanto pessoa e, automaticamente, enquanto profissional, certificando a ideia da postagem motivadora. Todavia, não podemos desconsiderar a adjetivação, outro mecanismo textual utilizado para construir a desqualificação no comentário.

Vários recursos podem ser utilizados em um texto para atribuir uma característica a um substantivo, contudo, sintaticamente falando, essa é a função básica de adjetivos. Nesse exemplo, a Damares é nomeada como louca e, por meio dessa escolha lexical, é construída uma argumentação, justificando o porquê de ela ser incapaz de se comportar, caso abandone seu ministério. Assim, o adjetivo *louca* fortalece o trabalho de deslegitimação de Damares.

Acerca da utilização de insultos, como acontece nessa postagem reativa por meio do léxico louca, devemos refletir alguns pontos a partir de Amossy (2017). Esse tipo de recurso discursivo tem por objetivo colocar o outro em uma posição inferior, sendo que, com isso, não somente a imagem é desvalorizada, mas também os discursos produzidos por esse alvo. No caso do próximo exemplo, acontece algo semelhante, pois questões interacionais e contextuais permitem que os alvos dos discursos virulentos não sejam somente os políticos marcados textualmente pelo meme, mas sim ao conjunto de indivíduos ou de atores sociais envolvidos politicamente com o governo. É isso o que acontece no comentário de Z.I., presente na figura 23.

Figura 23: Comentário 7



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/BuFA6ZznR6W/>>>

Acesso: 25 de junho de 2019

O Z.I constrói seu comentário, “Bando de dementes”, em prol da desqualificação dos ministros presentes no governo Bolsonaro, instaurando, assim, a violência verbal. Nessa postagem reativa, temos mais um exemplo de rotulação.

Os rótulos constroem-se em caso de anáforas e catáforas que, por serem complexas, acabam sendo representadas por termos genéricos e sem especificidades, além de encapsuladores. Para que esse tipo de objetos de discurso possa ter seu sentido

alcançado de forma completa, o mesmo exige uma grande capacidade de interpretação do interlocutor, ante a delimitação e compreensão de questões cotextuais que trabalham no acionamento de estratégias cognitivas. Logo, rótulos constroem-se, textualmente, por meio de expressões nominais que possibilitam o encaminhamento das orientações discursivas desejadas. (KOCH, 2008)

Dessa forma, o comentário de Z.I. serve como exemplo para as ponderações de Koch, já que a rotulação presente marca o posicionamento argumentativo levantado pelo ator social que o produziu. Além disso, é relevante levar em conta que essa interpretação pode ser facilitada pelo conjunto de pistas e âncoras que a postagem e os comentários anteriores oferecem.

No caso dessa postagem, o primeiro termo utilizado na rotulação é a palavra bando, um substantivo coletivo que representa um grupo de pessoas, sejam elas ladras ou não. Além disso, socialmente falando, a palavra bando carrega uma ideia de pejoratividade. O segundo termo constituinte é o adjetivo dementes, o qual, de acordo com o dicionário Michaelis significa: a) quem sofre de demência; b) pessoa cujas atitudes denotam falta de inteligência, ignorante, néscio; c) quem tem atitudes desconexas, desmiolado, lunático. Logo, a partir de questões co(n)textuais, fica possível compreender que a escolha desse referente tem como objetivo desqualificar políticos que trabalham no governo de Jair Bolsonaro.

A partir desses levantamentos, conseguimos confirmar que esse comentário segue em progressão com a postagem motivadora, uma vez que argumenta contra o governo. Todavia, nos chama a atenção que o ataque ao governo presente nesse comentário foi mais ríspido, evidenciando, de forma ainda mais forte, a presença da violência verbal e sua função argumentativa.

O próximo comentário, o de M.V, também se constrói por meio de uma anáfora indireta, sendo ela, desta vez, instaurada pela retomada de um referente específico, o slogan do refrigerante Fanta Laranja presente no meme da postagem. O objeto de discurso

“hahaha, patrocínio Fanta Laranja” tem o seu sentido ancorado na bagagem sociocognitiva, sendo ele ativado por meio de pistas que, situadas, conseguem relacioná-lo ao governo de Jair Bolsonaro. Assim, esse referente, junto a outros presentes nas postagens, evidencia a crítica ao Estado. Todas essas pistas possibilitam aos atores sociais participantes compreenderem que tal slogan passa por uma recategorização, passando a representar o dinheiro público e a investigação pela qual, na época, passava o partido político do presidente.

Figura 94: Comentário 8



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/BuFA6ZznR6W/>>>

Acesso: 25 de junho de 2019

A recategorização pela qual passa o slogan Fanta presente na postagem motivadora é ampliada pela linguagem verbal que lhe constitui. Ao ser nomeado como “patrocinador oficial”, dentro do contexto discursivo em que está presente, o dinheiro que é representado pela Fanta não é mais somente desviado, mas também passa a ganhar um outro destino, o qual seria investimentos em ministros incompetentes que, por tal motivo, não ficarão em seus cargos. Ainda assim, não podemos deixar de considerar que esse sentido só consegue ser construído e compreendido por meio de estabilizações que os referentes vão adquirindo, podendo, com isso, passar por diversas recategorizações.

Ainda devemos salientar que recategorizações não acontecem por acaso, e sim durante a elaboração de objetos de discurso, sendo que por esse motivo elas devem ser entendidas como

uma atividade partilhada, intercognitiva e situada em dada cenografia. Não se constroem versões da realidade somente de acordo com a intencionalidade do locutor. **Os objetos de discurso se submetem à aceitação de outros participantes de interlocução e são negociados na cenografia em que se desestabilizam e se estabilizam continuamente.** E não poderia ser diferente, já que a ação de referir é inerentemente social. O produtor faz os arranjos necessários para que seu texto seja considerado pertinente e coerente pelos interlocutores; para tanto, organiza a construção referencial de uma dada maneira. A recategorização acontece ao longo de toda a construção da coerência textual, na mente dos interlocutores, em movimentos de idas e vindas às formas de ancoragem cotextual. (CAVALCANTE e BRITO, 2016, p. 132 – **grifos nossos**)

Os apontamentos das autoras são relevantes, pois facilitam a compreensão do discurso construído pelo comentário de M.V. Considerando-o dentro de uma postagem que ataca um governo e seus ministros, o ator social escolheu um referente que não é atrelado, especificamente, a nenhum desses possíveis “alvos”. Contudo, ao marcar o riso em relação ao referente construído pelo enunciado “Hahaha, patrocínio Fanta”, o interlocutor demonstra a compreensão acerca da recategorização pela qual passa o slogan do refrigerante, além de dar a ele uma representatividade, o que pode facilitar a atenção de outros internautas participantes da interação. Desse modo, ao marcar seu riso que constrói a ridicularização, o ator social amplia a compreensão do discurso, o que nos leva a acreditar que é uma sequência temática instaurada pela postagem motivadora. Tudo isso acontece, pois, “o dizer de um usuário exerce influência sobre a continuidade da interação, estabelecendo um procedimento linguístico discursivo orientado pelo outro.” (CABRAL, 2019, p. 430)

O próximo comentário a ser analisado é o de R.S.: “O do Turismo ! Não darei duas semanas ! kkkkk”. Assim como o anterior, ele é construído como uma resposta à pergunta presente na descrição da postagem, sobre qual ministro do governo Bolsonaro vai ser “eliminado”. Essa postagem está presente na figura 25.

Figura 105: Comentário 9



Fonte: << <https://www.instagram.com/p/BuFA6ZznR6W/>>>

Acesso: 25 de junho de 2019

O primeiro referente do enunciado “O do Turismo”, constrói-se por meio de uma anáfora indireta, uma vez que para sua compreensão ele exige inferências a partir de informações deixadas pelo co(n)texto. Isso, acontece porque, como salientado por Marcuschi (2001), processos cognitivos e estratégias inferenciais são decisivas em atividades de textualização, fazendo com que a coerência textual não possa ser considerada como uma propriedade linear, imanente ao texto.

A partir dessas considerações, podemos afirmar que o comentário de R.S. foi direcionado, na época de sua postagem, a Marcelo Álvaro Antônio, Ministro do Turismo do governo Bolsonaro. Contudo, para atingir a essa interpretação, é necessário que os envolvidos nesse evento comunicativo tenham conhecimento de fatores contextuais, âncoras para a construção e para compreensão da postagem. Acreditamos que o

possível motivo dessa escolha diz respeito ao envolvimento de Marcelo Álvaro com candidaturas laranjas no estado de MG²⁴.

Acerca da violência verbal instaurada nesse comentário, que ofende mais uma vez os ministros por meio de uma desqualificação, devemos considerar que ela aparece por meio de uma marca temporal: “O do Turismo! Não darei duas semanas! kkkkk”. Ao estipular esse tempo, R.S. demarca seu posicionamento, afirmando sua certeza de que Marcelo Álvaro não vai permanecer em seu cargo. Essa construção discursiva acontece porque, durante discussões, o adversário pode receber insultos de diversas maneiras, sendo que, muitas vezes, “o locutor se coloca como aquele que tem o direito de desqualificar o outro, colocando-o em uma posição inferior, e o faz frequentemente diante de um auditório” (AMOSSY, 2017, p. 171-172). Logo, ao transparecer de forma enfática sua certeza de que Marcelo será o próximo eliminado, Bolsonaro e seus ministros acabam, indiretamente, sendo deslegitimados.

Voltando nossa análise para as questões interacionais presentes no ambiente digital, não podemos esquecer que muitos comentários dessa postagem constroem seus discursos como respostas à pergunta presente em sua descrição. Com isso, dentro de um espaço comunicativo no qual os atores sociais podem ser desconhecidos ou multifacetados, devemos considerar que a interação oferece uma certa despreocupação, ajudando a evidenciar a violência verbal. Além disso, muitas vezes, “a violência verbal é utilizada de forma estratégica, com vistas a marcar uma posição e, simultaneamente, marcar o pertencimento a um grupo com o qual o usuário se identifica.” (CABRAL, 2019, p. 430). As observações da autora são de grande relevância, uma vez que facilitam a compreensão de que, em muitos momentos, os usuários são guiados por questões emotivas.

²⁴ Seguem endereços eletrônicos de algumas notícias sobre o assunto: <https://bit.ly/2Gad57z>; <https://bit.ly/2XUZW73>; <https://bit.ly/2UsSCBF>.

Mais uma vez, para que possamos observar, resumidamente, de que maneira a estratégia textual da referência pode ser utilizada para a instauração da violência verbal, construímos a tabela abaixo. A partir dela, é possível verificar, novamente, que categorias anafóricas são as mais presentes na materialidade textual desse fenômeno discursivo.

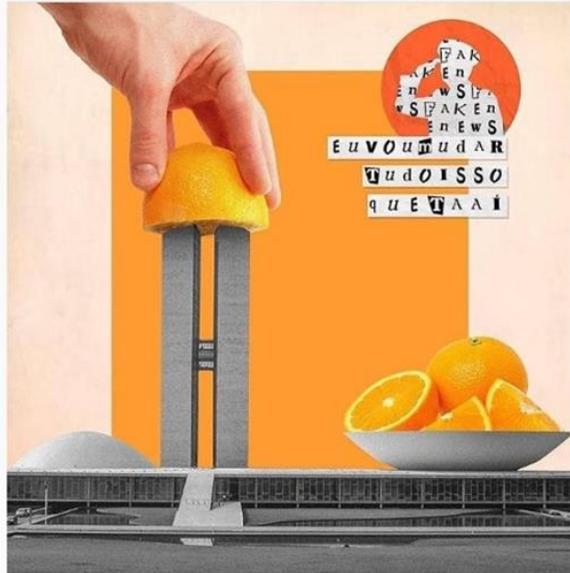
Tabela 3: Big Bozo Brasil

Postagem 02: Big Bozo Brasil			
Comentários analisados		Referenciação	Violência Verbal
Primeiro	o que preside	Anáfora indireta	Violência verbal construída por meio da ridicularização do alvo da postagem motivadora.
	essa bagaça toda	Encapsulamento/ Rotulação	
Segundo	Damares, damares, damares!	Anáfora indireta	Violência verbal instaurada, no plano lexical, por meio de marcas emocionais e enfáticas.
	eh louca	Encapsulamento/ Rotulação	Violência verbal construída por meio de insultos, indiretos, ao alvo da postagem motivadora.
	soltar o verbo	Anáfora indireta	
Terceiro	Bando de Dementes	Encapsulamento/ Rotulação	Violência verbal construída por meio da ridicularização do alvo da postagem motivadora.
Quarto	Patrocínio Fanta laranja	Anáfora indireta	Violência verbal construída por meio da ridicularização do alvo da postagem motivadora
Quinto	O do turismo	Anáfora indireta	A violência verbal construída por meio de insultos, indiretos, ao alvo da postagem motivadora.

4.2.3 O espremedor de laranjas

A postagem que engatilha os próximos comentários analisados foi realizada no dia 10 de fevereiro de 2019. Ela está presente na figura 26.

Figura 26: O espremedor de laranjas



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Btt9NBHWDI/>
Acesso 25 de maio de 2019

Contextualização: na figura 26, um referente imagético representado por uma por uma laranja une-se a outro, sendo este construído pela imagem do Congresso Nacional. Juntos, os referentes representam, metaforicamente, um espremedor de laranjas. Essa recategorização tem seu sentido ancorado nas ilegalidades políticas que, verídicas ou não, foram divulgadas e compartilhadas pelos meios de comunicação na época da postagem. Dessa forma, os objetos de discurso criam uma ideia de um suco que, também recategorizado, representa as ilegalidades no Congresso.

Atentando-nos de forma mais detalhada, a construção desse sentido é reforçada por outro referente imagético, estando esse ao lado do Congresso, representado por laranjas em espera, as próximas a serem utilizadas no “espremedor”. As frutas estão localizadas na cúpula do congresso, local onde fica o Plenário da Câmara dos Deputados. Esse objeto de discurso tem como função hiperbolizar a metáfora: muitas ilegalidades acontecem, são muitas as que irão acontecer, são muitos envolvidos etc.. Contudo, o último referente citado torna a crítica política mais incisiva, pois responsabiliza os deputados.

Essa culpabilização criada pela laranja é completada pelos objetos de discurso que constroem o plano de fundo e o que representa o sol, já que eles ajudam a colorir o ambiente, mostrando-o todo ‘alaranjado’. Em outras palavras, a corrupção é o que domina o “céu” de Brasília.

Na parte superior, do lado direito, temos outro importante conjunto referentes, sendo esse construído verbal e imagetivamente. São esses objetos de discurso que deixam pistas mais singulares para a inserção de Jair Bolsonaro à crítica. Em tal localização, há um referente imagético sob o formato de uma pessoa na posição de sentido, uma representação militar e um traço recorrente ao presidente, uma vez que o militarismo foi (e ainda é) uma de suas marcas.

Neste mesmo referente, há também a presença de enunciados construídos pela linguagem verbal: “*fake news*” e “Eu vou mudar tudo isso que ta aí”. Acreditamos, devido a dois motivos, que esses enunciados funcionam como âncoras para facilitarem a compreensão do presidente como principal alvo da postagem: a) a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro apoiou-se em discursos que tinham, em um de seus enfoques, uma afirmação de que caso ele fosse eleito, seria o fim da corrupção brasileira; b) uma das características marcantes do período eleitoral de 2018 foram, por meio de recursos digitais, disparos de mensagens em massa contendo informações mentirosas, chamadas de *fake news*; ainda assim, houve duas notícias dessas que, devido ao fato de terem sido defendidas de forma contundente pelo presidente e alguns apoiadores, foram (e ainda são) satirizadas pela mídia e pelo mundo digital: a “mamadeira de piroca” e o “kit gay”²⁵. Além desse conhecimento partilhado, a associação da família Bolsonaro ao Caso Queiroz, metaforicamente representado por laranjas, também é importante para os participantes do evento comunicativo alcançarem a crítica construída.

Acerca das relações intertextuais, os referentes constituintes da postagem motivadora, escolhidos minunciosamente para criticar a política brasileira, materializam-se por meio

²⁵https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html

de uma intertextualidade ampla. Isso acontece pois fazem menções a várias situações partilhadas, sendo que juntas podem trabalhar na construção do humor. (CARVALHO, 2018).

Dessa forma, indivíduos contextualizados com a “briga” política que foram as eleições de 2018, não teriam dificuldades em alcançar o sentido construído, assim como perceber qual é o posicionamento político defendido no discurso memético. Ademais, tratando-se de uma postagem motivadora, esse meme possibilita que os comentários sigam, de forma direta ou indireta, seu posicionamento, como é salientado por Cabral. Essa observação pode ser percebida no comentário presente na figura 27.

Figura 117: Comentário 10



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Btt9NBMHWDI/>

Acesso: 25 de maio de 2019

O comentário de S.D. tem sua violência verbal construída por meio de uma anáfora indireta instaurada por um neologismo “Taokei?”. A relação associativa entre o presidente e o termo “tá ok”, ou outro foneticamente semelhante, tornou-se situada e, por esse motivo, presente em um vasto conjunto de gêneros textuais e discursivos. Prova disso são muitos *stands-ups*, nos quais seus apresentadores, em imitações a

Jair Bolsonaro, reforçam o uso desse marcador, como se o mesmo fosse um definidor/identificador. Além dos *stand-ups*, piadas, sátiras, memes apropriam-se dessa âncora. Dois exemplos bem fortes são a sátira Capitão Talkei (figura 28), uma alusão ao Capitão Planeta, desenho animado da década de 1990 e o Dicionário Informal²⁶ que, em sua definição do neologismo, consta como uma derivação ocorrida pelo uso constante de Jair Bolsonaro, além de serem ressaltadas as possíveis variações (taoqueei, talqueei etc.).

Figura 28: Capitão Talkei



Fonte: << <https://globoplay.globo.com/v/7979150/>>>

Acesso: 05 de abril de 2020.

Essas observações nos permitem compreender que o objeto de discurso “Taokei?” segue o posicionamento defendido pela postagem, dando uma continuidade irônica e, por meio de âncoras, marcando a presença de Jair Bolsonaro na crítica à corrupção. A análise desse comentário, além de salientar o posicionamento argumentativo do ator social que o produziu, consegue nos demonstrar um pouco da interação entre

²⁶ <https://www.dicionarioinformal.com.br/taokey/>

postagens motivadoras e seus comentários. A próxima postagem reativa está presente na figura 29.

Figura 29: Comentário 11



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Btt9NBMHWDI/>
Acesso: 25 de maio de 2019

Acerca da construção de referentes, nos comentários presentes na figura 30, podemos identificar três objetos de discurso: “a corrupção”, “uma dúvida” e “isso com o PT.”, sendo que eles marcam, de forma conjunta, o posicionamento do ator social responsável por eles.

O primeiro dos referentes, um caso de anáfora indireta, se constrói por meio da metalinguagem. Isso acontece, pois, ao mesmo tempo em que demonstra uma percepção da crítica construída pelo meme do *post* inicial, ele funciona como âncora para os objetos de discurso subsequentes, aqueles que defendem um ponto de vista contrário ao proposto pelo coletivo. Por esse motivo, é possível afirmar que tal referente tem a função sociocognitiva reativar a temática focalizada, e facilitando a compreensão do objeto de discurso subsequente, o rótulo prospectivo “uma dúvida”.

Todos os rótulos carregam consigo marcas subjetivas, pois os segmentos representantes são escolhidos a partir de fatores classificatórios, no que diz respeito a sua significância textual-discursiva. Essa característica possibilita aos rótulos importantes papéis argumentativos, já que nenhum termo é neutro, ideologicamente falando. Além disso, ao mesmo tempo em que um encapsulamento trabalha a partir das informações anteriormente compartilhadas, ele acrescenta novas, construindo assim uma progressão textual. (KOCH, 2008). Os apontamentos da autora facilitam a compreensão do papel discursivo construído pelo referente “uma dúvida”.

Ao utilizar esse rótulo, G.O. deixa marcado, em uma retomada à ironia presente no referente anterior, a ideia de não estar em desacordo às críticas realizadas contra à corrupção política. Contudo, ao mesmo tempo que faz isso, constrói, discursivamente, uma desaprovação.

Por meio dos dois últimos referentes, a rotulação “uma dúvida” e a anáfora indireta “isso com o PT.”, o ator social edifica a ideia de que a corrupção sempre aconteceu, entretanto, a preocupação em criticá-las e/ou resolvê-las só acontece agora, no atual governo de Jair Bolsonaro. Dessa forma, o combate não é realmente contra a corrupção, mas simplesmente uma insatisfação partidária.

Logo, por meio desta postagem reativa, o ator social marca seu ponto de vista, evidenciando seu posicionamento. A partir dessas observações, fica possível perceber que o embate desse comentário é contrário à postagem motivadora. Essa postagem reativa pode ser considerada, a partir de Amossy (2017), como uma reformulação discursiva, tendo como função ridicularizar o argumento defendido pelo adversário, fazendo o mesmo perder sua coerência.

As considerações acerca desse comentário podem ser reforçadas pelo advérbio *nunca*, presente no último referente. A utilização dele, ao invés de um advérbio de negação, por exemplo, tem uma construção discursiva diferenciada. Se fosse utilizado o advérbio não, o ator social estaria afirmando que o combate à corrupção não aconteceu num

determinado tempo; todavia, ao utilizar nunca, é construída uma ideia de que esse combate jamais aconteceu, tornando-o algo novo e, de certa forma, errado por isso. Por meio dessa possibilidade de interpretação, o referente acaba construindo um discurso punitivo, já que o combate passa a ser considerado como algo pessoal, não uma legalidade, como deve ser.

Sobre esse último comentário, não podemos deixar de evidenciar que ele é exemplo de uma violência velada, aquilo que Kerbrat-Orecchioni (2016) chama de desqualificação cortês, que ocorre quando, durante a construção de seu discurso, o locutor busca manter sua imagem e atacar a do outro. Respaldamos essa nossa afirmação pois G.O., nesse comentário, não ataca a postagem motivadora de forma rude, mas constrói sua violência verbal de forma polida, agregando a ideia de cumplicidade ao coletivo.

No decorrer de nossas análises, temos percebido que, normalmente, as postagens reativas recaem sobre a temática do meme da postagem motivadora, além de demonstrarem o mesmo posicionamento argumentativo. Contudo, esse último comentário exemplifica um tipo de interação diferente, que pode acontecer no ambiente digital. Em seu comentário, além de G.O. construir seu argumento contrário a postagem motivadora, o ator social não a focaliza. Dessa forma, o ataque não é ao meme, ou ao presidente Jair Bolsonaro, mas ao perfil do coletivo Mídia NINJA e seu suposto posicionamento político-partidário, o culpabilizando pelo possível silêncio contra a corrupção no período em que o governo petista presidia o país.

Ainda sobre essa postagem, outra consideração importante é que G.O. representa uma minoria, dentro de um grupo extremamente polarizado como é o coletivo. Tal fator faz com que o ator social se preocupe em manter a face, pois, um comentário mais ríspido poderia ser rebatido de forma enfática e ainda mais violenta, o que faria seu discurso perder a credibilidade.

O terceiro comentário, de D.J., “Tá ok?!”, marca o posicionamento do ator social, seguindo o ponto de vista instaurado pela postagem motivadora. Isso, acontece porque a expressão possui, por meio de fatores políticos e acontecimentos sociais, âncoras que facilitam a compreensão de que a crítica da postagem insere, de alguma forma, o presidente Jair Bolsonaro e, conseqüentemente, seus apoiadores. Essas observações poder ser verificadas pela figura 30.

Figura 30: Comentário 12



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/Btt9NBMHWDI/>>>

Acesso: 25 de maio de 2019

Mesmo que relação entre a expressão “tá ok” e o presidente Bolsonaro tenha adquirido uma certa estabilidade, outra consideração deve ser feita, uma vez que a ordem cronológica das postagens reativas nos possibilita mais uma interpretação. Desse modo, é possível que o comentário de D.J. tenha sido uma contrarresposta, ao comentário anterior, crítico ao Mídia NINJA. Assim, o referente que representa o presidente estaria sendo usado para concordar, ironicamente, com o ator social contrário ao coletivo. Essa segunda hipótese pode ser reforçada pela pontuação constituinte da postagem.

Ao utilizar um ponto de exclamação e um ponto de interrogação, o ator social marca a ironia, colocando em questão a dúvida se pode ou não concordar com a ideia de que o combate à corrupção só acontece agora, pois o governo é de Jair Bolsonaro. Essa nossa reflexão surgiu, pois, como temos percebido no decorrer de nossas análises, os comentários demonstram uma continuidade, no que diz respeito ao posicionamento discursivo proposto pela mensagem inicial. Logo, como o humor e a ironia foram traços marcantes e relevantes, os mesmos recebem uma certa manutenção no andar das postagens reativas. Com isso, a intenção dessa postagem reativa seria, por meio da ironia, marcar de forma evidente a polarização existente no grupo. Isso nos demonstra, mais uma vez, que estudos nesse ambiente merecem um outro olhar, no que diz respeito às atividades partilhadas e intersubjetivas relevantes para a referenciação. A próxima postagem reativa serve como mais um exemplo para isso.

Figura 31: Comentário 13



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Btt9NBMHWDI/>

Acesso: 25 de maio de 2019

O referente presente no comentário de A.B. é construído por meio da sigla partidária que representa o Partido Social Liberal, PSL, aquele ao qual o presidente Jair Bolsonaro e filhos eram filiados nas eleições de 2018. Ao fazer essa escolha lexical

para construir o comentário, a intenção ator social que o constrói é unificar a responsabilidade partidária dos políticos pertencentes à corrupção metaforizada pelo meme da postagem motivadora. Assim, por meio da postagem reativa “Psl”, um ponto de vista é escolhido e defendido discursivamente.

Dessa forma, o comentário de A.B. tem o papel de resumir o número de informações retratadas anteriormente na postagem, ao mesmo tempo em que responsabiliza os filiados ao partido pela corrupção narrada pela postagem motivadora. É possível considerar, dessa forma, um exemplo de violência verbal que, argumentativamente, é materializada por meio de um rótulo.

Como já relatado no decorrer de nosso trabalho, os referentes são construídos de acordo com o material linguístico que está disponível aos interlocutores, levando em consideração questões intersubjetivas e co(n)textuais. No caso de rotulação, como acontece no comentário analisado, o referente “refere e nomeia uma extensão do discurso, alinhando-a com o argumento que está sendo desenvolvido, e que agora continua em termos do que foi apresentado como fato” (FRANCIS, 2003, p. 196). Assim, a escolha de qual objeto de discurso utilizar é uma estratégia textual-discursiva e desenvolvida no desenrolar do discurso, permitindo que uma análise possa ser realizada e compartilhada.

Além das considerações já levantadas, o comentário de A.B. também serve para que possamos demonstrar de que maneira os objetos de discurso são elaborados progressivamente, dentro da dinâmica discursiva. Uma simples sigla partidária, dentro do cotexto e em conjunto com âncoras situadas e partilhadas, possibilita a compreensão da violência verbal. Esse fator também nos leva a refletir acerca da problemática relativa à coerência textual em gêneros construídos por um conjunto de atores sociais em momentos de interação *online*.

Nessa postagem motivadora, o último comentário a ser analisado é o T.P., presente na figura 32. Assim como alguns dos anteriores, essa postagem reativa tem seu referente construído por meio de uma anáfora indireta materializada pelo marcador conversacional recorrente a Jair Bolsonaro, construído por meio do neologismo “taokei”.

Figura 32: Comentário 14



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Btt9NBMHWDI/>

Acesso: 25 de maio de 2019

Ainda que a relação entre o marcador conversacional presente no comentário e o presidente seja situada, mais uma vez, devido à ordem cronológica dos comentários, não podemos afirmar, de forma contundente, se essa postagem reativa tem por objetivo contrariar a postagem de G.O, aquela que critica o coletivo Mídia NINJA e seu posicionamento político-partidário, ou somente dar continuidade a postagem motivadora. Entretanto, de qualquer forma, esse comentário nos demonstra que a construção de um referente discursivamente idêntico aos anteriores oferece ao ator social uma certa credibilidade no momento interacional do qual ele participa. Isso, porque

a relação social e afetiva, que estabelece a proximidade entre interlocutores, e o contrato social que os une [...]; é fato que uma maior proximidade entre interlocutores faz com que as relações sejam mais igualitárias, com pouca hierarquia de poderes. Essa igualdade chancela maior liberdade na interação

e menor cuidado relativamente à transgressão de norma sociais, o que pode levar à violência verbal. (CABRAL, 2019, p. 420)

Dessa forma, a partir das ponderações de Cabral, a participação de alguns atores sociais no coletivo Mídia NINJA, já pode ser considerada como uma proximidade, no que diz respeito a algumas de suas visões de mundo. Isso reflete nos comentários, fazendo com que a violência verbal seja construída, na maioria das vezes, com um alvo comum.

Além de fatores interacionais para a construção e para a compreensão da crítica construída por esse comentário, não podemos deixar de lado questões atreladas às modalidades presentes. O objeto de discurso “Taokei” termina com uma sequência construída por um ponto de exclamação e um ponto de interrogação. A pontuação pode ser compreendida como uma forma de realçar a ironia, pois, ao enfatizar que está tudo certo por meio do ponto de exclamação seguido por outro de interrogação, a certeza fica duvidosa.

No que diz respeito às categorias referenciais utilizadas nos comentários dessa postagem, por meio da tabela abaixo, é possível verificar, mais uma vez, a presença constante de recursos anafóricos para a instauração da violência verbal com função argumentativa.

Tabela 4: O espremedor de laranjas

Postagem 03: O espremedor de laranjas			
Comentários analisados		Referenciação	Violência Verbal
Primeiro	Taokei!?	Anáfora indireta	Violência verbal construída por meio da ridicularização do outro por marcas lexicais.
Segundo	Parabéns por ironizar a corrupção	Anáfora indireta	Violência verbal construída por meio da ridicularização do ponto de vista da postagem motivadora.
	uma dúvida	Encapsulamento	
	isso com o PT	Anáfora indireta	
Terceiro	PSI	Anáfora indireta	A violência verbal construída por meio de insultos, inferenciais ao alvo da postagem motivadora.
Quarto	Tá ok!?	Anáfora indireta	Violência verbal construída por meio da ridicularização do outro por marcas lexicais.
Quinto	Taoquei!?	Anáfora indireta	Violência verbal construída por meio da ridicularização do outro por marcas lexicais.

4.2.4 Partido Suco de Laranja

A postagem motivadora que engatilha os comentários analisados, presente na figura 33, aconteceu no dia 15 de fevereiro de 2019.

Figura 123: Partido Suco de Laranja



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/Bt16eTTH2JB/>>>
Acesso: 15 de junho de 2019

Contextualização: assim como já discutido no decorrer da pesquisa, a laranja presente no meme da figura 33 está recategorizada e, agora, representando as investigações de supostos envolvimento de políticos do Partido Social Liberal em atividades com pessoas que emprestam seus nomes para o recebimento de dinheiro ilícito.

Construído por meio de objetos de discurso verbais e imagéticos, o meme da postagem tem a sigla PSL inserida em um novo contexto. Ao fazer isso, seu criador aproveita-se da criatividade e recategoriza o significado da sigla partidária; agora, ao invés de representar o Partido Social Liberal, passa a representar Partido Suco de Laranja. Por meio dessa escolha, o criador justifica, ironicamente, o envolvimento de políticos pertencentes a esse partido a casos de corrupção com pessoas laranjas. Imagetivamente, são deixados referentes que são marcas recorrentes ao *slogan* original do partido: a mesma fonte e a faixa verde-amarela por baixo da sigla; além disso, temos a presença do número dezessete, sendo ela uma pista para vincular, de forma mais direta, Jair Bolsonaro ao evento.

Dessa forma, uma vez que há um reconhecimento do texto-fonte, podemos, a partir de Carvalho (2018), afirmar que é uma intertextualidade estrita de derivação. Essa relação intertextual pode ser verificada pela figura 34.

Figura 34: Partido Social Liberal



Fonte: <<<http://pslnacional.org.br/>>>
Acesso: 15 de junho de 2019

Outro referente imagético que merece atenção é aquele materializado por uma laranja. Partindo da noção de que a ideia defendida pelo discurso memético é afirmar que a laranja, recategorizada como corrupção, é um traço constituinte dos políticos filiados ao PSL, nada melhor do que escolher essa imagem para ilustrar o texto. Todavia, no que diz respeito à LT, alguns problemas merecem discussão.

O primeiro deles diz respeito a algo já foi pontuado: ainda que o referente construído por uma laranja esteja, organizacionalmente, ao fundo, não é possível afirmar em qual momento ele vai ser visualizado. Todavia, o que é possível afirmar, a partir de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), que essa ordem não atrapalha na compreensão do gênero. O segundo entra, de certa forma, em concordância com o primeiro. Dentro de uma perspectiva sociocognitiva, os conhecimentos são ativados e reativados durante nossas interações, isso nos mais variados gêneros. Dentro dessa realidade, surgem muitos objetos de discurso e, algumas vezes, devido ao seu uso

contínuo, recebem uma certa estabilização, tornando-se socialmente situados. Dessa forma, indivíduos contextualizados com a situação na qual o meme se ancora, terão seus conhecimentos ativados pelo simples fato de (re)conhecer o referente laranja. Com isso, os outros referentes constituintes do meme, vão servir apenas para comprovarem que a intenção é atacar, por meio da violência verbal, o partido, seus políticos e seus apoiadores.

Assim como nas postagens motivadoras anteriores, nessa última, o Mídia NINJA também fortalece sua crítica na descrição da postagem, apoiando a mensagem proposta pelo meme. Nesse caso, a descrição é construída por um substantivo próprio, representando, metaforicamente, a nomenclatura do partido: “Partido Suco de Laranja”. Ao utilizar essa descrição, o coletivo reforça seu posicionamento, sendo que esse fator desencadeia comentários de vários atores sociais defensores desse ponto de vista. É isso que podemos observar na figura 35.

Figura 35: Comentário 15



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/Bt16eTTH2JB/>>>
Acesso: 15 de junho de 2019

Se observarmos com atenção, os primeiros comentários dessa postagem constroem um discurso que se demonstra favorável à crítica construída. O primeiro desses comentários é o C.P.: “E azeda né”

O objeto de discurso nessa postagem reativa é construído por meio de um adjetivo, com o importante papel de desqualificar a laranja. Considerando que o adjetivo azeda é utilizado, normalmente, para caracterizar uma laranja e outras frutas cítricas, atribuindo-lhe a ideia de inferioridade, essa representação semântica também acompanha ao referente da postagem motivadora. Essa produção discursiva é permitida, pois, a língua não existe

fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes quer de ordem lingüística, quer de ordem sócio-cognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes, todavia, não são estáticos, (re)constroem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário mobilizar conhecimentos — socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos —, bem como situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos. (KOCH, 2008, p. 101)

Dessa forma, os acontecimentos envolvendo o Partido Social Liberal em casos com pessoas laranjas possibilitam que conhecimentos compartilhados relacionados à fruta sejam recategorizados. Logo, a laranja atrelada ao partido e ao presidente, não é uma laranja normal, e sim uma laranja azeda, inferior às outras existentes; conseqüentemente, o suco feito por ela não é algo bom para saborear. Todas essas observações nos permitem afirmar que esse comentário é construído por meio de uma anáfora indireta, uma vez que há pistas e âncoras deixadas no co(n)texto no qual seu discurso é produzido.

O comentário seguinte, de M.V., “Se a vida lhe der laranjas” é uma paródia de um famoso dito popular, utilizado para uma filosofia de que todos problemas podem ser superados, desde que sejam encarados, ao invés de somente serem motivos para reclamações. Assim, a postagem reativa surge por meio de uma transformação do

texto-fonte “Se a vida lhe der um limão, faça uma limonada.”, com uma finalidade humorística, sendo essa uma marca característica da paródia. (CARVALHO, 2018)

Acerca do texto original, é importante relatar que a sua compreensão só consegue ser alcançada caso os interlocutores conheçam o limão, uma fruta que tem como característica inconfundível o seu azedume. Essa ‘marca registrada’, possibilita a sua utilização em metáforas pejorativas, pois o azedo é, normalmente, atrelado a algo desagradável.

Assim, por meio de uma marca textual construída em seu comentário, M.V. constrói a sua crítica à corrupção, apoiando o posicionamento da postagem motivadora. Por meio de inferências e pistas deixadas nos comentários, fica possível alcançar a ideia de que a crítica construída é que as laranjas (corrupção) do atual governo são tão grandes, que um Partido com a especialidade em fazer seus sucos é algo totalmente compreensível. Fica, então, possível alcançar, nesse comentário, uma violência verbal construída por meio de um elogio irônico.

Além disso, podemos considerar (hipoteticamente) que essa postagem reativa pode ter sido engatilhada pela anterior, aquela construída sobre o azedume das laranjas constituintes do PSL. Apoiamos nossa hipótese nas contemplações de Cabral (2019), visto que a linguista corrobora que questões relativas à coconstrução textual não podem ser deixadas de lado quando o objeto de estudo está relacionado a contextos digitais e interacionais, assim como são as postagens reativas.

Além disso, ainda que as postagens motivadoras e reativas possam ser instauradas no discurso por diferentes atores sociais, esses textos são, segundo Carvalho (2018), metatextuais, uma vez que se constroem em uma relação. Por esse motivo, para que os envolvidos nesses eventos possam alcançar a coerência textual, é necessário que estejam situados. Fazemos essa afirmação pois, o enunciado “Se a vida lhe der laranjas” é um comentário, no qual a sua visada argumentativa depende de questões

É fato que a escolha de referentes utilizados em um determinado momento interacional não são tiros ao escuro, mas sim estratégias. Isso faz com que sejam evocados os termos que melhor atendam às necessidades discursivas. No caso dessa postagem do Mídia NINJA, conhecimentos socialmente compartilhados associativos à laranja são apropriados e utilizados para apoiar à ideia defendida.

Dentro do conjunto de postagens reativas em que a violência verbal é instaurada como recurso argumentativo, temos um caso de encapsulamento construído por A.S. Devemos ressaltar que, quando essa categoria referencial é evocada, o objeto de discurso “constitui uma atividade essencialmente metadiscursiva, visto que o produtor do texto se debruça sobre partes do discurso já produzido, resumindo-as por meio de um pronome ou por uma expressão nominal. (KOCH, 2008, p. 105). Essas ponderações facilitam a compreensão do papel textual-discursivo da postagem de A.S.

Figura 37: Comentário 17



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/Bt16eTTH2JB/>>>

Acesso: 15 de junho de 2019

Mais uma vez, como ressaltado em parágrafos anteriores, para se alcançar a compreensão do comentário - “Agora tudo faz sentido!” – é necessário o entendimento dos contextos interacional e discursivo nos quais eles surgem. Caso os participantes desse evento não estejam situados, podem não compreender que o comentário é favorável à postagem motivadora. Isso acontece pois, no comentário, por meio de metáforas, há a afirmação de que produzir suco dessa laranja recategorizada é uma especialidade do partido, tornando necessário que seus filiados estejam sempre produzindo a matéria-prima.

Além dessas observações serem relevantes para a compreensão do referente encapsulador presente, elas também entram em acordo com o que Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) afirmam. Os autores corroboram que nesses casos de referenciação, o objeto de discurso não retoma um referente expresso no texto, mas sim difundido no contexto. Dessa forma, a retomada desse tipo de referente tem grande relevância nas funções argumentativas no projeto de dizer, pois podem sintetizar um ponto de vista ou rebater a outros.

Devemos considerar que esse caso de encapsulamento demonstra uma interação entre os sujeitos envolvidos no momento comunicativo, visto que o mesmo facilita a percepção de uma harmonia entre os envolvidos. Podemos aprofundar essa reflexão a partir das considerações de Conte (2003). Segunda a estudiosa, a mudança na apresentação de detalhes em um discurso para a sua generalização são pontos relevantes quando se pensa na sua construção argumentativa.

Dessa forma, ao compreendermos que o comentário de A.S. tem, por meio de inferências, o objetivo de fortalecer o ponto de vista defendido pelo Mídia NINJA, percebemos também uma violência verbal construída em comum acordo, por meio de questões interacionais. Em outras palavras, os atores sociais presentes na coconstrução textual da postagem e de seus comentários “se reúnem diante do computador em um julgamento cuja a violência verbal não é apenas um escape. Ela os conduz em um mesmo ímpeto para exprimir um ódio comum em uma rejeição coletiva,

capaz de silenciar sobre comportamentos que eles julgam intoleráveis.” (AMOSSY, 2017, p. 185). Não diferente disso, temos no caso da anáfora indireta presente no comentário de E.D.

Figura 38: Comentário 18



Fonte: <<<https://www.instagram.com/p/Bt16eTTH2JB/>>>
Acesso: 15 de junho de 2019

O sintagma nominal “Rico em Vitamina C” marca seu posicionamento por meio de inferências ancoradas sociocognitivamente. Dessa forma, para sua compreensão, é necessário o conhecimento de que a laranja é uma fruta cítrica.

O comentário de E.D. se constrói por meio de uma anáfora indireta, uma vez que é constituído com base em modelos textuais ou modelos mentais. Em seus estudos sobre essa categoria, Marcuschi (2001) relata que as anáforas indiretas são expressões construídas dentro de uma dependência interpretativa, estando elas ancoradas em conhecimentos comuns e partilhados. Essas afirmações podem ser verificáveis nessa postagem reativa.

Além disso, outro fator importante nesse comentário é a sua relação intertextual ampla. Ao enunciar “Rico em Vitamina C, o ator social produz seu discurso por meio de âncoras associativas, exigindo, dos participantes, conhecimento de mundo para reconhecerem que o comentário remete, de forma difusa, a diversos textos e domínios ligados às áreas da nutrição e da saúde. Assim, o processo de imitação presente nesse comentário “abstrai o padrão não de um único texto, mas de um conjunto de textos.” (CAVALCANTE, FARIA, CARVALHO, 2017 p. 19). Esse conhecimento compartilhado é relevante, pois permite ao leitor alcançar a crítica oferecida pela marca intertextual.

Em “Rico em vitamina C, de corrupção” a marca intertextual presente no primeiro sintagma é permitida pelo contexto, pois essa vitamina é uma das características mais identificáveis nas frutas cítricas, como a laranja. Há também o fato de que a laranja, recategorizada pela postagem do meme, significa corrupção. Dessa forma, o ator social apropriou-se de marcas reconhecíveis da (re)categorização do referente imagético laranja e de questões contextuais, sendo todas elas permitidas pelo evento. Desse modo, as

formas de realização dos referentes no texto não só ajudam a ancorá-los, por diferentes evocações, como também a estabilizar as confirmações (ou manutenções) e os acréscimos das recategorizações que eles sofrem na construção da coerência textual. O procedimento anafórico consiste, então, nesses movimentos de ancoragem e estabilização” (CAVALCANTE e BRITO, 2016, p. 127)

Essas observações das autoras são aplicáveis a esse último comentário, além de nos permitirem observar como a escolha de referentes são relevantes para a manutenção de percurso discursivo. Muitas vezes, essas escolhas são realizadas por meio de marcas associativas a elementos presentes no texto e no contexto, marcando a interação entre os atores sociais participantes, assim como recursos estratégicos para a construção da violência verbal.

Conforme pode ser verificado pela tabela abaixo, há uma certa estabilidade, no que diz respeito às categorias referenciais utilizadas nos comentários analisados, uma vez que quase todos utilizaram algum tipo de anáfora.

Tabela 5: Partido Suco de Laranja

Postagem 04: Partido Suco de Laranja			
Comentários analisados		Referenciação	Violência Verbal
Primeiro	E azeda né	Anáfora indireta	Violência verbal construída por meio da ridicularização do alvo da postagem motivadora.
Segundo	Se a vida te der laranjas	Anáfora indireta	Violência verbal construída por meio da ridicularização do alvo da postagem motivadora.
Terceiro	Laranja podre	Anáfora indireta	Violência verbal construída por meio da ridicularização do alvo da postagem motivadora.
Quarto	Agora tudo faz sentido!!	Rotulação/ Encapsulamento	A violência verbal construída por meio da ironia
Quinto	Rico em Vitamina C, de Corrupção!	Anáfora indireta	Violência verbal construída por meio da ridicularização do alvo da postagem motivadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao início de nossa pesquisa, dialogamos sobre questões que dizem respeito à violência verbal e sua presença constante em postagens de memes relacionados a temas políticos. A partir desses apontamentos, elaboramos as perguntas norteadoras de nossos estudos: que função processos referenciais e marcas intertextuais desempenham na instauração da violência verbal em interações da rede social *Instagram*?; de que maneira, no contexto digital, a violência verbal é utilizada como uma estratégia argumentativa?

A partir desses questionamentos, foram elaborados os objetivos de nossa pesquisa. O objetivo geral foi de verificar, em interações da rede social *Instagram*, a função da intertextualidade e da referência, na instauração e na manutenção da violência verbal enquanto estratégia argumentativa. Os objetivos específicos tiveram o intuito de evidenciar de que forma as categorias textuais escolhidas, assim como questões interacionais que permeiam o ambiente digital, são relevantes para a utilização da violência para defender pontos de vista.

Os levantamentos teóricos realizados no decorrer de nossos estudos nos permitiram verificar que, em momentos interacionais da rede social *Instagram*, o gênero discursivo meme pode funcionar como força motriz para a violência verbal presente nos comentários, comprovando nossa hipótese. Dessa forma, a partir de nossas análises, percebemos que o gênero pode funcionar como gatilho para a presença da violência verbal em postagens reativas.

Além disso, a pesquisa permitiu averiguar, a partir de Carvalho (2018), que as interações existentes entre postagens motivadoras e as postagens reativas não se constroem por meio da intertextualidade ampla, como acreditávamos no início. Ainda que em alguns momentos, textualmente, o texto-fonte não possa ser identificado, seu

reconhecimento pode acontecer por meio de pistas inferenciais, âncoras e questões interacionais do momento comunicativo *online*. Dessa forma, verificamos que, junto a outras relações intertextuais, a metatextualidade pode ser representada discursivamente nos textos coconstruídos como são postagens e seus comentários em redes sociais. Essa averiguação já nos direciona para outras pesquisas da LT, considerado que postagens motivadora e reativa, devido à não-linearidade, merecem atenção especial.

No que diz respeito às categorias referenciais evocadas, na maioria dos casos, foram utilizadas a anáfora indireta e o encapsulamento/rotulação. Partindo da ideia de que o encapsulamento pode ser considerado como um tipo de anáfora, já que tem o papel de resumir porções contextuais (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014), é possível afirmar que todos são referentes anafóricos. Esse fato já nos direciona para questionamentos sobre quais são os papéis textuais e discursivos dessa categoria referencial nesse tipo interação. Ainda assim, devemos considerar que esses são direcionamentos iniciais para novas pesquisas, exigindo aprofundamentos para a confirmação (ou não).

Além disso, percebemos que objetos de discurso presentes nas postagens reativas sinalizam/marcam recursos retóricos, como a ironia e a desqualificação do adversário, que marcam a violência verbal. Dessa forma, por meio das análises, percebemos que os referentes anafóricos presentes nos comentários são escolhidos minuciosamente, tendo como objetivo construir discursos para defender pontos de vista. Para isso, eles são evocados de forma ancorada à postagem motivadora ou/e às postagens reativas, mostrando como questões interacionais são relevantes para a construção desse tipo de discurso.

Sobre a violência verbal, as investigações realizadas no decorrer da pesquisa nos permitiram entrar em concordância com proposições de Amossy (2017) e de Cabral (2019), uma vez que, em todas as postagens reativas analisadas, ela foi utilizada, de

forma estratégica, como recurso argumentativo. Ademais, ao mesmo tempo em que violência verbal defende um posicionamento, marca a identificação dos atores sociais como pertencentes ao coletivo Mídia NINJA. Nos dois casos em que a postagem reativa foi contrária ao meme que a engatilha, a violência verbal foi velada, provavelmente porque os participantes tiveram consciência de que suas opiniões eram minoritárias no grupo no qual estavam inseridos. Mais uma vez, isso nos demonstra como questões interacionais do ambiente digital merecem uma atenção diferenciada.

Dessa forma, com o decorrer da pesquisa, é possível considerar a violência verbal como uma representação discursiva dos participantes do jogo. Esse nosso posicionamento parte do entendimento de que os referentes anafóricos, construídos por meio de âncoras, seguem, em maioria, a crítica instaurada pelo gênero da postagem motivadora. Com isso, ainda que em alguns casos a violência tenha sido mais velada e/ou mais interacional, ela conseguiu cumprir seu papel argumentativo.

Ao seu final, podemos afirmar que a realização desta pesquisa põe em evidência a necessidade de estudos que coloquem em foco a inter-relação entre fenômenos textuais e argumentação em redes sociais, levando-se em conta as novas formas de interação, a configuração textual variada, as diferentes modalidades, e a diversidade de gêneros e de textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES FILHO, F. **“Sua casinha é meu palácio”**: por uma concepção dialógica referencial. *Linguagem em (Dis) cursos*, Palhoça, SC. V. 10, 2010. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discursos/article/view/442/462. Acesso em 20 de mar. de 2019.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coordenação de trad. Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

ARENDRT, H. **O Que é Política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. Disponível em: <http://dagobah.com.br/comentarios-a-o-que-e-politica-de-hannah-arendt/>. Acesso em 20 de nov. de 2019.

BARROS, A. C. A. de. **A compreensão dos memes através dos comentários no Facebook**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, 2016

BARBALHO, C.; SANTOS, L.W. dos. Referencial: uma abordagem crítica em sala de aula. In: SANTOS, J.; CARVALHO, J. R.; REIS, M. (org.). **Ensino de língua e literatura**: gênero textual e letramento. Aracaju: Criação, 2017; Itabaiana: Profletras, 2017. p. 15-38.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação social**. São Paulo: Cortez, 2011.

BONINI, A. **Mídia/Suporte e hipergênero**: os gêneros textuais e suas relações. *Revista Brasileira Linguística Aplicada* [online]. 2011, vol.11, n.3, p.679-704. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982011000300005>. Acesso em 10 de jul. de 2019.

CABRAL, A. L. T. **Violência verbal e argumentação nas redes sociais**: comentários no *Facebook*. *Revista Caleidoscópio* v. n. 3: 416-432 setembro-novembro 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.173.01> Acesso em 10 de jan. de 2020.

_____.; LIMA, N. V. de. **Argumentação e Polêmica nas Redes Sociais: o Papel de Violência Verbal.** Signo, v. 42, n. 73, 2017. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6ggt88u>. Acesso em 17/04/2019.

CAPISTRANO Jr., R.. et. al.. **Organização tópica na interação em rede: aspectos textuais, contextuais e de coerência.** Revista (Con)Textos Linguísticos. v. 13 n. 25 (2019). p. 159 - 180. Acesso em 15 de fevereiro de 2020.

_____.; ELIAS, V. M. Práticas de escrita no contexto digital: elementos multimodais e coerência textual. *In*: Gualberto, C. L.; Pimenta, S. M. de O.; dos Santos, Z. B. dos. (org.). **Multimodalidade e ensino: múltiplas perspectivas** Pimenta Cultural, 2018.

CASTRO, L. G. F.. **O meme digital: construção de objetos do discurso em textos multimodais.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí. 2017.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2012.

_____.; BRITO, M. A. P. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. *In*: AQUINO, Z. G. O.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. (Orgs.). **Estudos do discurso: caminhos e tendências.** São Paulo: Paulistana, 2016. Disponível em: <<http://cied.fflch.usp.br/sites/cied.fflch.usp.br/files/u31/Livro-CIED-2016-final.pdf>>. Acesso em 10 de jun. de 2019.

_____.; CUSTÓDIO FILHO, V. **Revisitando o estatuto do texto.** Revista do GELNE, Piauí, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/26452>>. Acesso em 20 de jul. de 2019.

_____.; CUSTÓDIO FILHO, V. BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino** São Paulo: Cortez, 2014.

_____. et al. **O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise.** Revista (Con)Textos Linguísticos. v. 13 n. 25 (2019). p. 25-39. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884>>. Acesso em 10 de jan. de 2020.

_____. M. M. et al. Coerência e referenciação. *In*: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L. ; ELIAS, V. M. (Orgs.). **Linguística textual e ensino.** São Paulo: Contexto, 2017, p. 91-107

_____.; FARIA, M. da G dos S; CARVALHO, A. P. L.. **Sobre intertextualidade**

estreitas e amplas. Revista Letras, Ceará, v. 2, no 36, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2AXIZjy>>. Acesso em: 30 de nov. de 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CHAGAS, V., et al. **A política dos memes e os memes da política**: proposta metodológica de análise de conteúdo sobre memes dos debates nas Eleições 2014. VI COMPOLÍTICA, PUCRio, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2ASMDKw>>. Acesso em 30 de nov. 2018.

_____. **“Não tenho nada a ver com isso”**: cultura política, humor e intertextualidade nos memes das Eleições 2014. XXV Encontro Anual da Compós, 2016 a. Disponível em: <https://bit.ly/2MAAtSjA>. Acesso em 30 de nov. de 2018.

_____. **“A febre dos memes de política”** In: Trabalho apresentado no GT 17 – Mídias, Política e Eleições da 40o Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) em Caxambu, Minas Gerais, 2016 b. Disponível em: <https://bit.ly/2KXeVbv>. Acesso em 30 de nov. de 2018.

CONTE, M. Encapsulamento anafórico. In: Cavalcante, M.M.; LIMA, S. M. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Cortez, 213 p. 177-190.

DAWKINS, R. Memes: os novos replicadores. In: **O gene Egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [2007]).

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: Cavalcante, M.M.; LIMA, S. M. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Cortez, 2013, p. 191-228.

GONÇALVES, C. J. S. L.; LIMA, A. M. P.. **A argumentação como proposta discursiva em memes**. Revista Tecnologias na Educação, v. 19, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2KZrHGv>. Acesso em 30 de nov. de 2018.

KERBRAT-ORECCHIONI, C..Sarkozy polemista: la “descalificación cortés” del adversario. In: MONTERO, Ana Soledad. (comp.). **El análisis del discurso polémico**. Prometeo: Buenos Aires, 2016. p. 97-122.

KOCH, I. G. V.. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **A referenciação como construção sociocognitiva**: o caso dos rótulos. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 200-213, jan./jun. 2008. Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/2486/2438>>
Acesso em 10 de jan. de 2020.

_____. **Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso**. Revista Investigações: Linguística e Teoria Literária, Recife, UFPE, v.21, n. 2, jul. 2008b. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1446>. Acesso em 05 de jan. de 2020.

_____. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

_____; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**. Estratégias de produção textual. São Paulo: Editora Contexto. 2012.

_____. **Ler e compreender**: os sentidos do texto
São Paulo: Editora Contexto. 2013.

_____. **Rotulação**: uma estratégia textual de construção do sentido. In: Revista de estudos da Linguagem, v.16, n. 1.. 2008. Disponível em <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2486>>. Acesso em 05 de outubro de 2019.

LIMA, A. de S. **Referenciação e humor em memes do perfil Dilma Bolada do Facebook**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019

LIMA, S. M. C.; FELTES, H. P. M.. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: Cavalcante, M.M.; LIMA, S. M. (Org.). **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013, p. 30-58.

MACEDO. P. S. A. de. **Análise da argumentação no discurso**: uma perspectiva textual. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MARCUSCHI, L. A. **Anáfora indireta**: o borco textual e suas âncoras. Revista Letras, Curitiba, n. 56, p. 217 – 258, 2001.

_____. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Referenciação e discurso. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTERO, A. S. La polémica y lo polémico. Palabras preliminares. In: MONTERO, Ana Soledad. (comp.). **El análisis del discurso polémico**. Prometeo: Buenos Aires, 2016. p. 97-122.

PLANTIN, C. De polemistas a polemizadores. In: MONTERO, Ana Soledad. (comp.). **El análisis del discurso polémico**. Prometeo: Buenos Aires, 2016. p. 97-122.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes sociais no ciberespaço**: Uma proposta de estudo. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2005, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

SANTOS, L. W.. **Referenciação e ensino**: panorama teórico e sugestão de abordagem de leitura. Gragoatá, Niterói, nº 36, 2014.

SHIFMAN, L. **Memes in digital culture**. Mit Press, 2014.

SILVA, F. de O. **Formas e funções das introduções referenciais**. Tese (Doutorado em Linguística). UFC, Fortaleza, 2013.

SARGENTINI, V. **DISCURSO POLÍTICO E REDES SOCIAIS**. In; Revista ABRALIN. v.14, n.2, p. 215-232, jul./dez. 2015. Disponível em: << <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42563/25820>>>. Acesso em 10 de novembro de 2015.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.